



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

CARLOS ANTONIO DINIZ ABREU

**PELAS RUAS, TERREIROS E
ESCOLAS: o tambor de crioula na
prática de educação patrimonial do
ensino fundamental II**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

SETEMBRO / 2025



CARLOS ANTONIO DINIZ ABREU

PELAS RUAS, TERREIROS E ESCOLAS: o tambor de crioula na prática de educação patrimonial do ensino fundamental II

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHistória/UFMA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em diferentes Espaços de memória, como requisito parcial para qualificação.

Orientação: Professora Dra. Júlia Constança Pereira Camêlo.

São Luís

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Abreu, Carlos Antonio Diniz.

PELAS RUAS, TERREIROS E ESCOLA: o tambor de crioula na prática de educação patrimonial do ensino fundamental II / Carlos Antonio Diniz Abreu. - 2025.

82 p.

Orientador(a): Júlia Constança Pereira Camêlo.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Rede - Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Tambor de Crioula. 2. Educação Patrimonial. 3. Ensino de História. I. Camêlo, Júlia Constança Pereira. II. Título.

Carlos Antônio Diniz Abreu

PELAS RUAS, TERREIROS E ESCOLAS: o tambor de crioula na prática de
educação patrimonial do ensino fundamental II

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Júlia Constança Pereira Camelo (Orientadora)
PROFHistória-UFMA

Professor Doutor Fábio Henrique Monteiro Silva
PPGHIST/UEMA

Professora Doutora Antonia da Silva Mota
PROFHistória-UFMA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de força, sabedoria e luz nos momentos de dúvida, silêncio e escuridão. Foi na fé que encontrei direção e resistência para seguir em frente, mesmo quando o caminho parecia incerto.

À minha família, especialmente aos meus pais, por todo o amor incondicional, incentivo e confiança. Obrigado por me ensinarem desde cedo o valor da educação, da honestidade e da humildade. Sem o suporte de vocês, nada disso teria sido possível.

Aos meus amigos e amigas, com quem compartilhei angústias, alegrias, risadas e desabafos. Obrigado por compreenderem minha ausência em tantos momentos e, mesmo assim, continuarem ao meu lado. A amizade de vocês foi um alívio e um abrigo ao longo de todo o processo.

Aos colegas de turma e companheiros de caminhada no PROFHISTÓRIA, por cada troca de experiência, por cada leitura compartilhada, por cada gesto de solidariedade acadêmica. Cresci muito com vocês, e levo comigo cada contribuição como parte essencial da minha formação.

À minha orientadora, Professora Dra. Júlia Constança Pereira Camêlo, minha profunda gratidão. Sua orientação firme e generosa, suas críticas construtivas e sua sensibilidade para compreender meus objetivos foram fundamentais para a construção desta dissertação. Obrigado por acreditar no potencial deste trabalho, mesmo quando eu mesmo duvidava.

Agradeço a todos e todas que, de alguma forma, estiveram comigo nesta caminhada. Este trabalho é também fruto de cada palavra de apoio, de cada escuta atenta, de cada gesto de amizade. Levo comigo todos esses encontros como parte do que sou e do que construí nesta trajetória.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar como o Tambor de Crioula pode ser integrado à prática da Educação Patrimonial no Ensino Fundamental II, na rede pública de São Luís do Maranhão. A manifestação, reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, carrega elementos históricos, religiosos e identitários fundamentais para a compreensão da formação social e cultural maranhense, especialmente no que se refere à herança afro-brasileira. A pesquisa parte da constatação de que, apesar da visibilidade do Tambor de Crioula em espaços públicos e turísticos, seu ensino nas escolas ainda é superficial, quando não ausente, reduzindo-se muitas vezes à dimensão estética, sem aprofundamento histórico ou crítico. A proposta desenvolvida buscou compreender como as práticas pedagógicas podem favorecer a preservação ativa desse patrimônio imaterial, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes e da valorização dos saberes tradicionais em contexto escolar. Para tanto, a metodologia adotada foi de natureza qualitativa, com ênfase na revisão bibliográfica, na análise de conteúdo e na aplicação de oficinas pedagógicas em uma escola pública da capital maranhense. A fundamentação teórica abrangeu os conceitos de patrimônio cultural, educação patrimonial, identidade, memória e ensino de história, articulando autores como Ferretti, Candau, Santos e Hall. As oficinas foram realizadas com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II da UEB Major Joaquim Augusto Mochel, utilizando como recurso didático o livro *Luísa na Roda do Tambor e as Peças de um Quebra-Cabeça*. A experiência incluiu atividades interativas, como a construção artesanal de tambores, produção de desenhos, leitura crítica da obra e discussões sobre o significado do Tambor de Crioula como expressão cultural e histórica. Como resultado, observou-se o aumento do engajamento e do interesse dos alunos, assim como a ampliação de sua percepção crítica sobre o patrimônio e suas raízes culturais. Ao final da pesquisa, foi desenvolvido um Produto Educacional como produto educacional, destinado a professores do Ensino Fundamental II, com orientações práticas para a inserção do Tambor de Crioula no currículo escolar por meio da Educação Patrimonial. Conclui-se que essa abordagem favorece o diálogo entre escola e comunidade, promove o reconhecimento da diversidade cultural brasileira e contribui para a construção de uma consciência histórica plural, crítica e comprometida com a valorização do patrimônio imaterial afro-brasileiro.

Palavras-chave: Tambor de Crioula. Educação Patrimonial. Ensino de História. Patrimônio Imaterial. Identidade Cultural.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze how the *Tambor de Crioula* can be integrated into heritage education practices in lower secondary education (Ensino Fundamental II) within the public school system of São Luís, Maranhão. This cultural manifestation, officially recognized as an Intangible Cultural Heritage of Brazil, encompasses historical, religious, and identity elements that are essential for understanding the social and cultural formation of Maranhão, particularly regarding Afro-Brazilian heritage. The study begins with the observation that, despite the visibility of the *Tambor de Crioula* in public and touristic spaces, its inclusion in school education remains superficial or even absent, often reduced to its aesthetic dimension without historical or critical depth. The research aimed to understand how pedagogical practices can promote the active preservation of this intangible heritage, contributing to the strengthening of students' cultural identity and the appreciation of traditional knowledge within the school context. To achieve this, the methodological approach was qualitative, emphasizing bibliographic review, content analysis, and the implementation of pedagogical workshops in a public school in the capital city. The theoretical framework covered concepts such as cultural heritage, heritage education, identity, memory, and history teaching, drawing on authors like Ferretti, Candau, Santos, and Hall. The workshops were conducted with 8th-grade students from UEB Major Joaquim Augusto Mochel and used the book *Luísa na Roda do Tambor e as Peças de um Quebra-Cabeça* as a key teaching resource. The experience included interactive activities such as the handmade construction of drums, thematic drawings, critical reading of the text, and classroom discussions about the significance of the *Tambor de Crioula* as a cultural and historical expression. As a result, an increased level of student engagement and interest was observed, along with a deeper critical awareness of their cultural roots and the concept of heritage. At the conclusion of the study, an Educational Product was developed in the form of a pedagogical guide designed for lower secondary school teachers. It offers practical guidance on incorporating the *Tambor de Crioula* into the school curriculum through heritage education strategies. The findings suggest that this approach encourages meaningful dialogue between schools and communities, promotes the recognition of Brazil's cultural diversity, and contributes to the construction of a plural, critical, and socially engaged historical consciousness focused on valuing Afro-Brazilian intangible heritage.

Keywords: Tambor de Crioula. Heritage Education. History Teaching. Intangible Heritage. Cultural Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Imagem dos alunos visitando o museu do Tambor de Crioula.....	59
Figura 2. Desenhos dos alunos após leitura do livro <i>Luísa na roda do tambor e as peças de um quebra-cabeças</i>	63
Figura 3. Alunos confeccionando mini-tambores.....	63
Figura 4. Alunos praticando a leitura do material sobre o tambor de crioula.....	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O ENSINO DE HISTÓRIA	15
1.1 A educação patrimonial como ferramenta no ensino de História	15
1.2 Métodos de Integração do Patrimônio Cultural em Práticas Educativas	20
1.3 O papel da educação patrimonial na preservação da memória histórica e cultural.....	25
3 O TAMBOR DE CRIOULA.....	34
3.1 Origens e influências históricas do tambor de crioula	34
3.2 O Tambor de Crioula como Expressão da Identidade Afro-Brasileira ..	37
3.3 Estrutura e Elementos do Tambor de Crioula	40
3.4 Desafios e Perspectivas para a Preservação do Tambor de Crioula	42
3.5 O Tambor de Crioula como Ferramenta de Educação Patrimonial	45
4 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ATRAVÉS DO TAMBOR DE CRIOULA	50
4.1 Práticas pedagógicas com o Tambor de Crioula: saberes e fazeres em sala de aula	51
4.2 O Tambor de Crioula como Estratégia Pedagógica Interdisciplinar	55
4.3 Experiências e Impactos da Educação Patrimonial por meio do Tambor de Crioula	58
4.4 Vivências Práticas e Interdisciplinares com o Tambor de Crioula: Impactos e Conexões no Espaço Escolar	61
CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS.....	68
PRODUTO EDUCACIONAL.....	

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação, intitulada *“Pelas ruas, terreiros e escolas: o Tambor de Crioula na prática de Educação Patrimonial do Ensino Fundamental II”*, inscreve-se na linha de pesquisa “Saberes Históricos em diferentes Espaços de Memória”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O foco da investigação é o Tambor de Crioula como expressão cultural afro-brasileira e como possibilidade metodológica para o ensino de História por meio da Educação Patrimonial nas escolas da rede pública municipal de São Luís do Maranhão. Essa manifestação, carregada de elementos históricos, simbólicos, musicais e religiosos, tem resistido ao tempo como um dos marcos mais relevantes da identidade maranhense, ainda que sua presença nas salas de aula seja bastante reduzida ou até mesmo inexistente.

O Tambor de Crioula configura-se como uma prática cultural complexa que entrelaça dança, música e espiritualidade. A roda, os tambores, as coreiras, os cantos e a devoção a São Benedito compõem um sistema simbólico que remete diretamente à ancestralidade africana e à experiência histórica da população negra no Brasil. Essa manifestação foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro em 2007, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o que consolidou institucionalmente sua importância para a cultura nacional. No entanto, esse reconhecimento formal, apesar de relevante, não garante por si só sua plena valorização e continuidade como prática viva e crítica, especialmente nos contextos escolares.

A investigação proposta aqui tem como premissa central a compreensão de que o patrimônio imaterial precisa ser constantemente revivido, reinterpretado e ressignificado pelas novas gerações para que possa sobreviver com autenticidade. As escolas, enquanto espaços formativos por excelência, têm a responsabilidade de promover o contato dos estudantes com as manifestações culturais que compõem o repertório identitário de suas comunidades. Assim, o Tambor de Crioula não deve ser ensinado apenas como um conteúdo expositivo ou ilustrativo, mas vivenciado e refletido como um legado histórico, político, espiritual e estético que contribui para a construção de uma identidade coletiva e crítica.

A motivação para este estudo surgiu da observação de uma lacuna significativa entre o conhecimento que os estudantes possuem sobre o Tambor de Crioula e a relevância que essa prática detém no contexto cultural maranhense. Essa constatação foi fortalecida ao se assistir ao vídeo “Acervo Tambores do Maranhão – Depoimento Zelinda Lima” (2024), no qual a escritora e pesquisadora Zelinda Machado de Castro discorre sobre a importância da tradição dos tambores e denuncia o processo de descaracterização que essas manifestações têm sofrido. Segundo Lima (2024), muitas dessas expressões culturais estão sendo absorvidas pela lógica do mercado, pelo turismo e pela institucionalização, o que pode comprometer sua essência e seu valor comunitário.

O depoimento de Zelinda também reforça a ideia de que a transmissão oral, a vivência em comunidade e o envolvimento direto com os rituais são formas fundamentais de preservação do patrimônio imaterial. Quando tais práticas são deslocadas de seus espaços originais e esvaziadas de seus significados mais profundos, corre-se o risco de que se tornem apenas representações folclóricas e decorativas, distantes da memória, da luta e da fé que as originaram. Nesse sentido, a escola pode e deve atuar como um espaço de resistência e valorização dessas tradições, propondo formas criativas e críticas de inseri-las no currículo.

A Educação Patrimonial surge, assim, como uma estratégia metodológica capaz de integrar o Tambor de Crioula ao ensino de História de forma contextualizada, sensível e crítica. De acordo com o IPHAN (2016), a Educação Patrimonial não se limita ao conhecimento técnico sobre os bens culturais, mas propõe uma reflexão mais ampla sobre os sentidos atribuídos ao patrimônio pelas comunidades que o produzem e o preservam. Ela possibilita a construção de vínculos entre os sujeitos e os lugares, promovendo o pertencimento, a identidade e a cidadania.

O Tambor de Crioula, enquanto patrimônio imaterial, exige essa abordagem sensível, pois não se trata apenas de um espetáculo artístico, mas de uma manifestação profundamente enraizada na religiosidade afro-brasileira, na memória da escravidão, na resistência cultural e nas redes de solidariedade comunitária. Ignorar essas dimensões seria reproduzir uma lógica de apagamento histórico que marcou a trajetória da população negra no Brasil. Ao contrário, compreendê-las e valorizá-las no ambiente escolar significa contribuir para a

reparação simbólica e o reconhecimento das múltiplas identidades que compõem a sociedade brasileira.

A escolha do Tambor de Crioula como objeto de pesquisa também se justifica pelo seu potencial educativo interdisciplinar. Ele permite articular conteúdos das áreas de História, Arte, Música, Educação Física, Literatura e Ensino Religioso, promovendo uma abordagem pedagógica integradora e envolvente. Por meio de atividades práticas, como oficinas de construção de instrumentos, dramatizações, rodas de conversa e produção artística, os alunos podem experimentar os saberes e fazeres que constituem essa tradição, ao mesmo tempo em que desenvolvem competências e habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como a valorização da diversidade cultural, o respeito aos direitos humanos e o pensamento crítico.

A experiência desenvolvida no contexto desta pesquisa foi realizada na Unidade de Educação Básica Major Joaquim Augusto Mochel, localizada no bairro Maracanã, em São Luís do Maranhão. As oficinas pedagógicas foram aplicadas com a turma do 8º ano do Ensino Fundamental II, utilizando como recurso principal o livro *Luísa na Roda do Tambor e as Peças de um Quebra-Cabeça*, de Luciana Sandroni. Essa obra literária, distribuída pela Secretaria de Educação, serviu como fio condutor para a realização de atividades lúdicas, interativas e reflexivas, aproximando os estudantes do universo simbólico do Tambor de Crioula por meio da leitura, da escuta e da produção artística.

Durante o desenvolvimento das atividades pedagógicas, foi possível observar o envolvimento crescente dos alunos com os conteúdos e experiências propostas. A construção artesanal dos tambores, os desenhos temáticos inspirados na leitura e a simulação de avaliações com foco na história e no simbolismo do Tambor de Crioula demonstraram que o aprendizado pode se tornar mais significativo quando há identificação com os elementos culturais trabalhados. As práticas pedagógicas adotadas buscaram estimular a participação ativa dos estudantes, valorizando suas vivências e suas relações com o território e com os saberes locais. Ao tratar o Tambor de Crioula como objeto de estudo e de vivência, o processo educativo deixou de ser meramente transmissivo para tornar-se uma construção coletiva de saberes, onde a cultura local foi reconhecida como fonte legítima de conhecimento.

Essa experiência dialoga com autores que defendem uma educação historicamente situada e socialmente engajada. Para Demarchi (2018), a Educação Patrimonial deve romper com a visão eurocêntrica e homogeneizadora da história, valorizando as vozes silenciadas e os patrimônios marginalizados. No mesmo sentido, Marques (2021) afirma que o ensino de história associado ao patrimônio permite o fortalecimento da memória social e a valorização da diversidade, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes. Assim, o Tambor de Crioula, ao ser trabalhado em sala de aula, passa a ser reconhecido não apenas como expressão artística, mas como uma forma de resistência e de afirmação identitária.

É nesse contexto que se insere a problemática central da pesquisa: como integrar de forma eficaz o Tambor de Crioula na educação patrimonial do Ensino Fundamental II, respeitando suas origens culturais e tradições, ao mesmo tempo em que se reconhecem as transformações inevitáveis pelas quais essa manifestação tem passado ao longo do tempo? A resposta a essa questão passa pelo reconhecimento da escola como espaço privilegiado para a reflexão sobre o patrimônio cultural, e pela necessidade de construir práticas pedagógicas que respeitem a complexidade histórica, simbólica e afetiva das manifestações populares.

A presente dissertação está estruturada em quatro capítulos, além da introdução, da conclusão e do produto educacional. No primeiro capítulo, intitulado “Educação Patrimonial e o Ensino de História”, são discutidos os principais conceitos teóricos que fundamentam o trabalho, além de metodologias e práticas já consolidadas na literatura sobre o tema. O segundo capítulo, denominado “O Tambor de Crioula”, aborda as origens, as influências, a estrutura e os elementos simbólicos dessa manifestação, bem como os desafios e perspectivas para sua preservação no cenário contemporâneo. O terceiro capítulo, “Educação Patrimonial através do Tambor de Crioula”, apresenta a proposta pedagógica desenvolvida, com ênfase nas oficinas realizadas, nas estratégias metodológicas adotadas e nos impactos observados no processo de aprendizagem dos estudantes. Por fim, a dissertação se encerra com a apresentação do produto educacional – um Guia Pedagógico – e com a conclusão, que sistematiza os principais resultados da pesquisa e aponta possibilidades para continuidade e aprofundamento do trabalho.

O Guia Pedagógico construído como produto final da pesquisa visa oferecer aos professores do Ensino Fundamental II um conjunto de orientações, propostas de atividades e sugestões metodológicas para a abordagem do Tambor de Crioula em sala de aula, a partir da perspectiva da educação patrimonial. Esse material tem como objetivo ampliar as possibilidades de ensino, promovendo o diálogo entre os saberes escolares e os saberes tradicionais, e estimulando nos estudantes o interesse, o respeito e o engajamento com o patrimônio cultural de sua cidade. Ao mesmo tempo, busca contribuir com a valorização da cultura afro-brasileira e com a promoção de práticas antirracistas no ambiente escolar.

A escolha metodológica adotada para a realização desta pesquisa é qualitativa, exploratória e descritiva, com base na revisão bibliográfica e na análise de conteúdo. Foram utilizadas fontes acadêmicas, documentos institucionais e materiais didáticos relacionados à temática do patrimônio imaterial, da educação patrimonial e do Tambor de Crioula. A aplicação prática das oficinas serviu como campo de experimentação para testar, avaliar e refinar as propostas que compõem o Guia Pedagógico. Essa abordagem permitiu articular teoria e prática de forma integrada, respeitando o contexto específico da escola e da comunidade onde a pesquisa foi desenvolvida.

Em suma, este trabalho propõe uma reflexão sobre o papel da escola na valorização das tradições culturais locais, especialmente daquelas vinculadas à história da população afrodescendente. Ao inserir o Tambor de Crioula no currículo escolar como objeto de estudo e como prática pedagógica, reafirma-se o compromisso com uma educação plural, crítica e sensível às diversidades. Acredita-se que, ao reconhecer os saberes das comunidades como fontes legítimas de conhecimento histórico, a escola contribui para o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes, para a construção da cidadania e para a preservação das manifestações populares como patrimônio vivo.

Assim, educar por meio do Tambor de Crioula é também resistir às tentativas de apagamento cultural, é promover justiça histórica, é estimular o pensamento crítico e o respeito às diferenças. Ao transformar os espaços escolares em territórios de memória, de cultura e de pertencimento, reafirma-se o papel social da escola como agente de transformação e de valorização da diversidade. O Tambor de Crioula, ao ecoar nas salas de aula, nas ruas e nos terreiros, torna-se não

apenas símbolo de uma tradição, mas também expressão viva da força e da dignidade de um povo.

2 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O ENSINO DE HISTÓRIA

A educação patrimonial emerge como uma importante ferramenta no processo de ensino de História, sendo capaz de integrar os saberes culturais às práticas educativas e reforçar a valorização do patrimônio cultural. O objetivo central dessa abordagem é fomentar a conscientização sobre a importância do patrimônio e sua preservação, conectando os estudantes com sua própria história e cultura. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a educação patrimonial não se restringe ao simples "conhecer para preservar", mas se orienta pelo debate sobre as múltiplas significações dos bens culturais e suas ressignificações ao longo do tempo.

Nesse sentido, o patrimônio cultural adquire uma dimensão de resgate de memórias que, muitas vezes, não são contempladas pelas grandes narrativas históricas. Como destacado por Marques (2021), a educação patrimonial deve ser compreendida como um processo de mediação que articula saberes diversificados, promovendo a participação “efetiva das comunidades, verdadeiras detentoras de seus bens culturais” (p.27). Dessa forma, o ensino de história associado à educação patrimonial pode potencializar o reconhecimento dos diversos atores e espaços que compõem a trajetória histórica das sociedades.

A prática educativa pautada no patrimônio, portanto, não se limita ao ensino formal, mas estende suas ações para além da sala de aula, aproximando os indivíduos de seus territórios e de suas referências culturais. Segundo o Guia Marques (2021), essa abordagem permite que os indivíduos compreendam o mundo que os cerca a partir da leitura do patrimônio, reforçando a autoestima comunitária e o sentimento de pertencimento (p. 62).

2.1 A educação patrimonial como ferramenta no ensino de História

A educação patrimonial, entendida como uma prática pedagógica que utiliza o patrimônio cultural como fonte de ensino, representa uma abordagem valiosa para o ensino de história. Ela permite que os alunos compreendam a história por meio do contato direto com vestígios do passado, promovendo uma experiência educativa mais envolvente e significativa. Segundo o Instituto do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a educação patrimonial estimula a conscientização da importância do patrimônio cultural, reforçando a conexão dos alunos com suas próprias raízes (Marques, 2021).

Essa perspectiva permite que a história seja ensinada de forma contextualizada, vinculando os acontecimentos e processos históricos ao ambiente local e à cultura dos estudantes. Como afirmado por Silva (2021), “a educação patrimonial oferece uma importante ferramenta para os professores de história, possibilitando a organização do ensino a partir do contexto local e o desenvolvimento de habilidades cognitivas” (p. 12). Nesse sentido, o uso do patrimônio como recurso educativo torna-se essencial para aproximar os estudantes da história de sua comunidade, tornando-a mais palpável e relevante.

Além de tornar o ensino mais contextualizado, a educação patrimonial promove uma aprendizagem ativa, onde os alunos não apenas recebem informações, mas também participam ativamente do processo de descoberta e interpretação dos bens culturais. Essa prática “estimula que a comunidade identifique e valorize suas próprias referências culturais”(IPHAN, 2016), incentivando a construção de uma cidadania ativa e participativa.

A educação patrimonial também possui uma dimensão crítica. Um dos objetivos centrais dessa prática é fomentar a reflexão sobre os significados e as implicações das políticas de preservação cultural. Demarchi, 2018, destaca que “a história é frequentemente despida de sua natureza política, apresentando uma visão homogeneizadora e descontextualizada dos eventos e bens culturais” (p. 33). Assim, o ensino de história a partir de uma perspectiva patrimonial deve desafiar essas narrativas, buscando incluir as vozes e experiências historicamente marginalizadas.

Nesse sentido, a abordagem patrimonial no ensino de história pode ser vista como uma ferramenta de resistência cultural e política. Ao focar nas narrativas e práticas culturais de grupos subalternos, ela possibilita a construção de uma história mais plural e inclusiva. Um exemplo desse processo pode ser visto na análise da preservação das tradições afro-brasileiras, como o Tambor de Crioula, descrito por Marques (2021), onde a educação patrimonial desempenha um papel fundamental na manutenção dessas manifestações culturais.

Ao trabalhar com o patrimônio cultural, os professores de história têm a oportunidade de abordar conteúdos de forma mais dinâmica e significativa. O uso

de vestígios arqueológicos, monumentos, edifícios históricos e tradições culturais no processo educativo estimula os alunos a interagirem diretamente com a história, desenvolvendo um senso de pertencimento e identidade. Como ressalta Silva (2021), o patrimônio arqueológico é uma ferramenta pedagógica que permite "o conhecimento da etnohistória antiga", trazendo à tona as histórias esquecidas e marginalizadas (p. 29).

Outro aspecto relevante da educação patrimonial é sua capacidade de integrar múltiplas disciplinas. No ensino de história, ela possibilita a inclusão de saberes de áreas como a geografia, antropologia e arqueologia, criando um ambiente de aprendizagem interdisciplinar. Florêncio et al. (2016) afirmam que "o inventário participativo fomenta o diálogo entre diferentes campos do conhecimento"(IPHAN, 2016), proporcionando uma visão mais ampla e complexa do passado.

Além disso, a educação patrimonial contribui para a formação de uma consciência crítica nos alunos, ao permitir que eles questionem as formas tradicionais de narrar e interpretar a história. O Guia Básico de Educação Patrimonial (1999) sugere que os educadores incentivem os alunos a refletirem sobre o processo de construção das memórias culturais e a questionarem as ausências e silenciamentos presentes nas narrativas oficiais (Demarchi, 2018).

O impacto dessa abordagem no ensino de história é vasto, pois ela não apenas enriquece o conteúdo curricular, mas também promove o engajamento dos alunos na preservação do patrimônio cultural. Ao entenderem que o patrimônio é um recurso vivo e dinâmico, os estudantes são estimulados a participar ativamente das práticas de preservação e valorização cultural de sua comunidade. Como afirma Silva (2021), "o ensino de história decolonial busca superar o apagamento de identidades e trajetórias históricas, promovendo o protagonismo das vozes que foram marginalizadas" (p. 22).

A integração da educação patrimonial ao ensino de história traz uma abordagem inovadora ao processo pedagógico, reforçando a ideia de que o patrimônio cultural é um campo dinâmico, que reflete mudanças sociais, políticas e culturais. Como evidenciado por Silva (2021), a educação patrimonial "não deve ser vista apenas como uma ferramenta de preservação, mas também como um meio para a transformação social e conscientização coletiva" (p. 17). Isso revela a

profundidade dessa prática na formação de cidadãos mais engajados e conscientes.

Por meio da educação patrimonial, os professores podem introduzir novas metodologias de ensino, capazes de provocar reflexões mais profundas sobre o passado e o presente. Esse processo envolve o reconhecimento de que o patrimônio cultural não é um conjunto estático de objetos ou monumentos, mas uma construção contínua de significados, que precisa ser compreendida à luz das transformações sociais. Segundo o estudo de Demarchi (2018), “a educação patrimonial deve se afastar da visão conservadora e buscar um papel ativo na renovação da consciência histórica”(p. 6).

Uma das principais contribuições da educação patrimonial é sua capacidade de promover a interdisciplinaridade. No ensino de história, a abordagem patrimonial pode ser integrada a outras disciplinas como geografia, sociologia e antropologia, ampliando o leque de interpretações sobre os fenômenos históricos. O inventário participativo, proposto por Florêncio et al. (2016), incentiva essa interdisciplinaridade, ao integrar diferentes campos do conhecimento em prol da valorização do patrimônio cultural (Marques, 2021 apud Florêncio, 2016, p. 27).

Além disso, o uso do patrimônio cultural como recurso didático permite aos alunos experimentarem uma aprendizagem mais imersiva. Visitas a sítios históricos, museus e espaços culturais oferecem oportunidades únicas de interação com o passado, aproximando os estudantes dos eventos históricos. Como Silva (2021) coloca, “a experiência prática com o patrimônio cria uma conexão emocional com a história, permitindo uma compreensão mais profunda e duradoura dos eventos” (p. 32).

A educação patrimonial também desempenha um papel significativo na construção da identidade cultural dos alunos. Ao valorizar o patrimônio local, os estudantes são incentivados a reconhecer sua própria cultura e a de seus antepassados, estabelecendo um vínculo mais estreito com suas raízes. Marques (2021) discute como o Festejo de São Benedito, uma tradição afro-brasileira, é um exemplo claro de como a educação patrimonial pode contribuir para a valorização e preservação de práticas culturais que muitas vezes são marginalizadas.

Outro aspecto relevante é que a educação patrimonial ajuda a desconstruir a história tradicionalmente eurocêntrica, promovendo uma visão mais inclusiva e representativa das diversas culturas que compõem o tecido social. De acordo com

Demarchi (2018), "a inclusão de diferentes vozes e perspectivas na educação patrimonial permite uma reinterpretação crítica da história oficial" (p. 5). Isso é particularmente importante no Brasil, onde a diversidade cultural é um elemento central da formação social.

Ademais, a educação patrimonial promove a conscientização sobre as responsabilidades individuais e coletivas na preservação dos bens culturais. Segundo o manual de Florêncio (2016), "a mobilização comunitária é essencial para que a educação patrimonial se consolide como uma prática participativa e democrática"(Marques, 2021 *apud* Florêncio, 2016 p. 27). Nesse sentido, os alunos são estimulados a se tornarem agentes ativos na preservação e valorização de seu patrimônio cultural.

A educação patrimonial também oferece uma oportunidade para que os estudantes reflitam sobre o impacto das transformações urbanas e das políticas de preservação. As discussões sobre o tombamento de bens culturais, por exemplo, permitem que os alunos compreendam como o Estado e as políticas públicas intervêm na preservação da memória histórica. Marques (2021) aborda como o processo de tombamento pode gerar debates importantes sobre a função social dos bens culturais.

Além de seu impacto no âmbito educacional, a educação patrimonial possui um papel relevante na promoção da cidadania. Ao incentivar a participação ativa dos estudantes na preservação do patrimônio, ela fortalece o senso de responsabilidade cívica e a valorização da diversidade cultural. Como afirma Demarchi (2018), "a educação patrimonial oferece as ferramentas necessárias para que os cidadãos possam agir de forma crítica e consciente em relação ao seu patrimônio"(p. 11).

Nesse contexto, é importante destacar que a educação patrimonial também contribui para o desenvolvimento de habilidades essenciais, como o pensamento crítico, a pesquisa e a capacidade de análise. O processo de investigação e documentação dos bens culturais permite aos alunos desenvolverem uma série de competências que são fundamentais para a formação acadêmica e profissional. Marques (2021) destacam que o uso de inventários participativos no contexto educacional é uma prática que fomenta a construção de conhecimento de forma colaborativa e democrática.

Por fim, a educação patrimonial, ao proporcionar uma interação direta com o patrimônio cultural, oferece uma oportunidade única para que os alunos compreendam a história de maneira mais profunda e significativa. Isso transforma o ensino de história em uma prática mais rica, que não apenas transmite conhecimento, mas também promove o engajamento ativo dos alunos com seu próprio passado. Como observado por Silva (2021), essa abordagem permite que o ensino de história transcenda as fronteiras da sala de aula, integrando-se de maneira efetiva à vida cotidiana dos alunos.

2.2 Métodos de Integração do Patrimônio Cultural em Práticas Educativas

A educação patrimonial se firma como um elemento essencial no ensino de história, ao buscar articular práticas pedagógicas com a valorização dos bens culturais. Nesse sentido, os métodos participativos, como os inventários culturais, desempenham um papel essencial na integração dos patrimônios culturais ao contexto educacional. A prática pedagógica de criar inventários culturais, por exemplo, torna-se uma ferramenta que incentiva os alunos a explorarem sua própria herança cultural, promovendo o aprendizado de forma ativa e engajada.

Um exemplo relevante é a metodologia desenvolvida no âmbito da educação patrimonial, que consiste na elaboração de inventários participativos. Os inventários culturais proporcionam uma “prática colaborativa de levantamento e registro de elementos culturais de uma comunidade”, integrando alunos, professores e a própria comunidade no processo de preservação e valorização do patrimônio (Zarbato et. al, 2019). Esse método fomenta a investigação ativa e o envolvimento direto dos alunos na catalogação dos bens culturais, permitindo uma abordagem multidisciplinar e colaborativa.

Os inventários culturais, por seu caráter participativo, não apenas ampliam o conhecimento sobre o patrimônio local, mas também promovem a construção de um senso de pertencimento e identidade nos alunos. Segundo Silva (2021), essa prática possibilita uma “conexão mais profunda entre o estudante e sua herança cultural, ao permitir que ele participe ativamente do processo de registro e preservação” (p. 10). O envolvimento dos alunos no levantamento de informações sobre o patrimônio cultural local amplia a compreensão sobre a importância da preservação.

Esses métodos participativos também proporcionam uma abordagem dialógica, onde o aprendizado não é unidirecional, mas construído a partir das interações entre alunos, professores e a comunidade. Como observou Tolentino (2016), a educação patrimonial deve “estimular o diálogo entre as diferentes partes envolvidas no processo educativo, promovendo a troca de saberes e a valorização das experiências culturais dos alunos” (p. 16). Esse modelo de ensino permite que o aluno se veja como protagonista no processo de construção do conhecimento.

A integração do patrimônio cultural nas práticas educativas também pode ocorrer por meio de atividades interdisciplinares, nas quais o patrimônio se torna o ponto de partida para discussões que envolvem história, geografia, antropologia, entre outras áreas do conhecimento. Como afirma Silva (2021), a interdisciplinaridade nas práticas educativas com patrimônio “amplia as possibilidades de interpretação do passado e possibilita uma compreensão mais completa dos fenômenos culturais” (p. 11). Nesse contexto, o patrimônio cultural é utilizado como um recurso que conecta diferentes campos do saber.

Além dos inventários, outros métodos pedagógicos, como visitas guiadas a museus, exposições e sítios históricos, são fundamentais para enriquecer a educação patrimonial. Essas atividades não apenas complementam o aprendizado em sala de aula, mas também oferecem uma experiência sensorial e imersiva que aprofunda a compreensão dos alunos sobre o patrimônio cultural. Segundo Zarbato et. al (2019), as visitas a museus e sítios históricos “proporcionam uma conexão direta com os bens culturais, oferecendo uma experiência educativa que vai além do ensino teórico”.

Outro método relevante no contexto da educação patrimonial é o uso de oficinas de restauração e conservação de patrimônio, que podem ser aplicadas em escolas. Essas oficinas permitem que os alunos compreendam os processos técnicos envolvidos na preservação de bens culturais, além de proporcionar uma formação mais prática e visual sobre a importância da conservação. Silva (2021) observa que “as oficinas de conservação criam um ambiente de aprendizagem onde os alunos podem experimentar e entender na prática os desafios da preservação cultural” (p. 3).

O uso de oficinas de restauração e conservação de patrimônio em escolas é uma prática pedagógica que contribui significativamente para a formação cidadã e o desenvolvimento do senso de responsabilidade histórica e cultural nos alunos.

Essa estratégia promove a valorização do patrimônio cultural e incentiva a conscientização sobre a importância da preservação de bens materiais e imateriais que fazem parte da história de uma comunidade ou nação.

De acordo com Lima (2019), "as oficinas de restauração e conservação de patrimônio nas escolas incentivam os alunos a desenvolverem uma visão crítica sobre o patrimônio cultural, além de possibilitarem a aplicação de conhecimentos práticos em um contexto interdisciplinar" (p. 45). As oficinas atuam como um espaço de diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, como história, geografia, artes e ciências, estimulando a reflexão sobre a função social do patrimônio e a necessidade de preservá-lo para as gerações futuras.

Além disso, Souza (2020) aponta que, ao participar de oficinas de restauração, "os estudantes são desafiados a entenderem o valor histórico e simbólico dos objetos e estruturas que restauram, o que contribui para a construção de uma memória coletiva e o fortalecimento da identidade cultural" (p. 78). Essa interação direta com o patrimônio proporciona uma experiência de aprendizado ativa e prática, diferenciando-se das abordagens tradicionais de ensino, que muitas vezes se limitam a abordagens teóricas.

As oficinas também podem ser uma ferramenta eficaz para despertar o interesse dos alunos por áreas como conservação e restauro, profissões que têm ganhado relevância diante das demandas crescentes por preservação do patrimônio histórico. Nesse sentido, o trabalho prático nas oficinas de restauração pode atuar como uma "porta de entrada" para essas profissões, ao mesmo tempo em que colabora para o entendimento do valor de preservação cultural, como destaca Silva (2018). E ainda,

"A restauração escolar é uma estratégia inovadora que possibilita não só o aprendizado técnico, mas também a criação de um vínculo afetivo entre os estudantes e o patrimônio. Ao participarem do processo de recuperação de objetos e documentos históricos, os alunos sentem-se parte da história que estão ajudando a preservar, o que pode, inclusive, fomentar futuros profissionais interessados em seguir carreira na área de restauração" (Silva, 2018, p. 102).

É importante ressaltar que o desenvolvimento dessas oficinas deve estar pautado em orientações técnicas adequadas e em uma supervisão criteriosa, a fim de garantir a correta manipulação dos objetos restaurados e o respeito aos princípios da preservação. Como destaca Rocha (2017), "sem a devida orientação profissional, os resultados de intervenções em patrimônios históricos podem ser

desastrosos, comprometendo o valor cultural do objeto restaurado" (p. 59). Dessa forma, a presença de especialistas e a colaboração com instituições de conservação podem enriquecer o processo educativo e garantir que os resultados atendam aos padrões de preservação exigidos.

O envolvimento dos alunos em atividades como essas não apenas enriquece o conteúdo programático das disciplinas, mas também promove a cidadania e o compromisso com a preservação do patrimônio cultural. Ao trazer essa metodologia para o ambiente escolar, é possível fomentar uma educação que valoriza a história e a cultura, promovendo, assim, o engajamento dos estudantes com sua própria herança cultural.

O uso da tecnologia na educação patrimonial tem se consolidado como uma estratégia eficaz, permitindo maior interação e envolvimento dos alunos com os conteúdos. Segundo Silva (2020), "a aplicação de ferramentas tecnológicas, como realidade aumentada e visitas virtuais, tem tornado a experiência de ensino sobre patrimônio mais dinâmica e acessível" (p. 89). Essas tecnologias permitem que os alunos explorem patrimônios históricos que estão distantes fisicamente, trazendo à sala de aula experiências que antes só eram possíveis através de visitas presenciais.

De acordo com Rocha (2017), a tecnologia também permite a criação de bancos de dados virtuais, onde os alunos podem "acessar e contribuir para a preservação do patrimônio cultural por meio de registros e arquivos digitais" (p. 53). Isso faz com que o conhecimento sobre o patrimônio cultural seja democratizado, além de ser uma forma de preservação, ao criar arquivos digitais de documentos e monumentos importantes.

A aplicação de projetos escolares que envolvem a criação de blogs, documentários ou exposições virtuais sobre o patrimônio cultural local também tem se mostrado eficaz. Essas atividades permitem que os alunos desenvolvam habilidades de pesquisa e comunicação, ao mesmo tempo que promovem a difusão do conhecimento sobre o patrimônio cultural. Zarbato et. al (2019) ressalta que esses projetos incentivam a "produção de conteúdo pelos próprios alunos, promovendo uma maior apropriação dos saberes relacionados ao patrimônio" (p. 11).

Silva (2020), ao discutir o impacto da tecnologia na preservação patrimonial, destaca que:

"A digitalização de acervos e o uso de ferramentas como drones para mapeamento de áreas arqueológicas têm facilitado o trabalho de conservação e restauro, além de permitir que estudantes de todas as partes do mundo tenham acesso a esses patrimônios de forma interativa e envolvente" (p. 92).

Essa abordagem tem permitido que a educação patrimonial alcance mais pessoas, eliminando barreiras geográficas e físicas que limitavam o acesso ao patrimônio cultural. Silva (2020) argumenta que,

"a implementação de tours virtuais em museus, por exemplo, tem se mostrado uma ferramenta poderosa para a educação, ao oferecer aos estudantes uma forma de se conectar com a história e a cultura de uma forma mais imersiva" (p. 95).

A utilização de tecnologias na educação patrimonial também envolve a criação de jogos educativos e aplicativos interativos, que estimulam o interesse dos alunos. Segundo Oliveira (2019), "os jogos de simulação sobre restauração e preservação de monumentos históricos têm sido utilizados como ferramentas de ensino, promovendo o engajamento dos alunos e o desenvolvimento de habilidades críticas e de resolução de problemas" (p. 78).

Dessa forma, a tecnologia atua como uma aliada poderosa na ampliação do acesso e na inovação da educação patrimonial, promovendo a preservação da história e cultura de maneira mais envolvente para as novas gerações.

Outro método inovador na educação patrimonial é a utilização de jogos pedagógicos, que podem ser desenvolvidos com base no patrimônio cultural local. A utilização de jogos pedagógicos baseados no patrimônio cultural local oferece uma maneira inovadora de ensinar, promovendo o envolvimento ativo dos alunos e o reconhecimento de sua própria história. Como observa Barbosa (2021), "o uso de jogos com elementos culturais locais reforça a valorização do conhecimento tradicional, estimulando a aprendizagem significativa" (p. 45). Isso aproxima o conteúdo escolar da realidade dos estudantes, criando uma ponte entre o saber acadêmico e o cotidiano vivenciado.

Jogos que incorporam o patrimônio cultural local ajudam a consolidar o senso de pertencimento dos alunos. Segundo Lima e Souza (2020), ao vivenciar práticas lúdicas que refletem sua própria cultura, os alunos "passam a se enxergar como parte integrante da história que estão aprendendo" (p. 39). Isso fortalece a ideia de que o aprendizado não é algo distante ou abstrato, mas conectado à vida real e à comunidade. Além disso, esses jogos servem como uma ferramenta

poderosa para a preservação do patrimônio cultural, ao envolver os jovens na discussão sobre a importância de sua manutenção.

O desenvolvimento de jogos pedagógicos pode também servir como meio de inclusão social e valorização da diversidade. A partir da incorporação de elementos culturais locais, é possível trazer à tona tradições de grupos historicamente marginalizados, permitindo que suas histórias e contribuições sejam valorizadas no contexto escolar. Como reforça Barbosa (2021), "ao dar espaço para narrativas e símbolos culturais locais, o jogo pedagógico atua como um agente de resgate cultural e inclusão social" (p. 47). Dessa maneira, é possível ensinar não apenas conteúdos curriculares, mas também valores como respeito e valorização das diferenças culturais.

Outro aspecto relevante é que os jogos pedagógicos promovem o desenvolvimento de habilidades críticas e de resolução de problemas. Por exemplo, ao lidar com desafios relacionados à preservação de um monumento ou à reconstrução de um artefato cultural, os alunos são incentivados a pensar criativamente, além de desenvolverem uma compreensão mais profunda sobre a importância de conservar o patrimônio cultural. Como destacado por Oliveira (2019), "os jogos que simulam a restauração de patrimônios históricos engajam os alunos em um processo de aprendizado ativo, no qual eles aplicam conhecimentos adquiridos de forma prática e reflexiva" (p. 78).

Dessa forma, é essencial que esses jogos sejam criados em parceria com especialistas em cultura e educação. O envolvimento de profissionais das áreas de história, arqueologia e antropologia garante que os conteúdos culturais sejam representados de forma precisa e respeitosa. Além disso, a participação ativa dos professores no desenvolvimento e aplicação dos jogos assegura que eles estejam alinhados com os objetivos pedagógicos de cada turma. Como conclui Barbosa (2021), "a articulação entre especialistas e educadores é fundamental para o sucesso das práticas pedagógicas que envolvem o uso do patrimônio cultural local como ferramenta de ensino" (p. 63).

2.3 O papel da educação patrimonial na preservação da memória histórica e cultural

A educação patrimonial tem um papel central na preservação da memória histórica e cultural, atuando como um meio para aproximar as comunidades de sua

própria história e fortalecer a identidade cultural. Ao conectar o presente com o passado, essa abordagem pedagógica permite que os alunos reconheçam a importância dos bens culturais e compreendam a relevância da preservação como parte integrante da construção da cidadania. A preservação do patrimônio “deve ser vista como um processo contínuo de formação cidadã” (IPHAN, 2016).

A preservação da memória cultural está intimamente ligada ao desenvolvimento de uma consciência coletiva. Quando os alunos são incentivados a investigar e refletir sobre o patrimônio de suas comunidades, eles desenvolvem uma relação mais profunda com o ambiente ao seu redor, compreendendo que o patrimônio cultural reflete não apenas a história de uma nação, mas também a trajetória de grupos e indivíduos que moldaram a sociedade. Segundo Silva (2021), “a educação patrimonial é uma ferramenta fundamental para despertar nos jovens o sentimento de pertencimento a uma história coletiva” (p. 22).

De acordo com Dias (2023), essa investigação permite que os jovens percebam a riqueza das narrativas locais, que muitas vezes são negligenciadas no ensino formal. A valorização do patrimônio cultural local é, portanto, um passo crucial na construção de uma identidade coletiva que respeita e celebra as particularidades de cada grupo.

Além disso, a reflexão sobre o patrimônio cultural ajuda os alunos a entenderem que suas comunidades são compostas por uma diversidade de histórias e experiências. Segundo Berger (2023), essa pluralidade é essencial para que os estudantes desenvolvam um senso crítico em relação ao seu papel na sociedade. O patrimônio cultural é uma representação das vozes que, ao longo do tempo, foram moldando a sociedade, e ao estudá-lo, os alunos podem se conectar com as lutas e conquistas de seus antecessores. Essa conexão pode motivar os jovens a se tornarem agentes de mudança, prontos para preservar e promover a cultura local.

A educação patrimonial, como afirma Demarchi (2020), desempenha um papel vital na formação da consciência crítica dos alunos. Quando os estudantes investigam o patrimônio cultural, eles não apenas aprendem sobre o passado, mas também fazem conexões com questões contemporâneas, como a desigualdade social, a exclusão e a diversidade cultural. Essa abordagem multidimensional da educação permite que os alunos desenvolvam uma perspectiva mais ampla e

crítica sobre o mundo ao seu redor, o que é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A prática de investigar o patrimônio cultural local pode ser uma ferramenta poderosa para a inclusão social. Ao envolver todos os alunos no processo de pesquisa e reflexão sobre suas comunidades, é possível criar um ambiente de aprendizado que valoriza as diferentes vozes e experiências. Berger (2023) ressalta que a inclusão de narrativas diversas no currículo escolar é fundamental para promover o respeito e a empatia entre os alunos. Isso é especialmente relevante em um contexto onde as desigualdades sociais ainda persistem, pois, a educação patrimonial pode ajudar a desconstruir preconceitos e promover a valorização da diversidade.

A preservação da memória cultural também pode ser um elemento motivador para a construção da identidade dos alunos. Ao se engajar ativamente na pesquisa e na promoção do patrimônio cultural, os jovens podem se sentir mais conectados às suas raízes e à sua comunidade. Dias (2023) argumenta que essa conexão pode gerar um orgulho identitário que, por sua vez, contribui para a coesão social. Quando os alunos compreendem a importância de seu patrimônio cultural, eles são mais propensos a se tornarem defensores de sua preservação e valorização.

Esse processo de conscientização cidadã tem impactos diretos na forma como os indivíduos interagem com seu patrimônio cultural e sua identidade. Ao reconhecerem o valor dos bens culturais e a importância de preservá-los, os alunos se tornam agentes ativos na defesa do patrimônio, compreendendo que a memória cultural precisa ser protegida para que futuras gerações possam usufruir desse legado. Como aponta Demarchi (2018), “a preservação da memória cultural está diretamente ligada à capacidade de um povo de transmitir suas tradições e valores” (p. 31).

A educação patrimonial desempenha um papel importante na inclusão de memórias que muitas vezes são marginalizadas ou esquecidas pelas narrativas oficiais. Através da valorização de bens culturais imateriais, como festas populares, saberes tradicionais e práticas culturais, os alunos aprendem a valorizar a diversidade de experiências e identidades presentes em sua comunidade. Um exemplo disso é o Festejo de São Benedito, uma manifestação afro-brasileira estudada por Marques (2021), que ressalta como a educação patrimonial pode contribuir para a preservação dessas práticas.

Em um mundo onde as histórias de determinados grupos e comunidades são frequentemente silenciadas, a educação patrimonial se torna um veículo poderoso para dar voz a essas experiências. Ao valorizar e integrar as memórias locais no currículo escolar, é possível criar um espaço onde todos os alunos possam reconhecer e refletir sobre as diversas narrativas que compõem a história de sua sociedade. Como afirmam Silva e Lima (2020), “a educação patrimonial permite que os estudantes compreendam a diversidade cultural e desenvolvam uma identidade coletiva mais rica e plural” (p. 21).

Um aspecto central da educação patrimonial é a promoção da diversidade cultural. Segundo os estudos apresentados por Siteo (2019) e outros autores, as narrativas tradicionais muitas vezes favorecem as vozes hegemônicas, excluindo as contribuições de grupos marginalizados, como comunidades indígenas, afro-brasileiras e imigrantes. A inclusão dessas memórias no processo educativo é vital para garantir que os alunos compreendam a riqueza de sua herança cultural e reconheçam a complexidade das identidades que formam a sociedade. Isso não apenas enriquece a educação, mas também fomenta o respeito e a empatia entre os estudantes. A esse respeito, Araújo e Cunha (2021) destacam que “o reconhecimento e a valorização das memórias locais são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária” (p. 15).

Além de promover a diversidade, a educação patrimonial desempenha um papel crucial na construção da identidade coletiva. Ao investigar suas raízes culturais e as histórias de suas comunidades, os alunos desenvolvem um sentido de pertencimento. A pesquisa de Siteo (2019) destaca que a valorização das memórias locais contribui para a formação de uma identidade mais robusta e autêntica. “Quando os alunos se envolvem em atividades de educação patrimonial, eles não apenas aprendem sobre sua cultura, mas também se tornam defensores de sua preservação” (Siteo, 2019, p. 48). Essa construção identitária é fundamental para que os jovens se sintam conectados às suas comunidades e desenvolvam um compromisso com a preservação de seu patrimônio cultural.

Outra função importante da educação patrimonial é a crítica das narrativas oficiais. As memórias que foram excluídas da história oficial muitas vezes contêm informações valiosas sobre injustiças sociais e desigualdades que persistem até hoje. Através da educação patrimonial, os alunos são encorajados a questionar e analisar essas narrativas, refletindo sobre o impacto que elas têm em suas vidas e

comunidades. Como observado por Araújo e Cunha (2021), “a educação patrimonial oferece ferramentas para que os alunos analisem criticamente as narrativas dominantes e suas implicações sociais” (p. 27). Essa abordagem crítica é essencial para a formação de cidadãos conscientes e engajados, capazes de promover mudanças sociais significativas.

Além disso, a educação patrimonial pode ser um espaço de resistência. Ao recontar e valorizar memórias marginalizadas, as comunidades podem desafiar as narrativas dominantes que muitas vezes perpetuam a opressão e a exclusão. A pesquisa de Siteo (2019) ressalta que essa resistência é fundamental para a revitalização cultural e para a luta por direitos sociais. “O reconhecimento das memórias esquecidas é um passo crucial para que as comunidades se reapropriem de suas histórias e, assim, reivindiquem seu lugar na sociedade” (p. 57). Ao se apropriar de suas histórias, as comunidades podem reivindicar seu lugar na sociedade e contribuir para uma maior equidade social.

Os projetos de educação patrimonial também promovem a inclusão social. Ao envolver estudantes de diferentes origens e realidades, esses projetos criam oportunidades para o diálogo e a troca de experiências. Isso é particularmente importante em contextos onde as desigualdades sociais ainda persistem. A pesquisa de Araújo e Cunha (2021) mostra que a educação patrimonial pode atuar como um catalisador para a inclusão, permitindo que todos os alunos se sintam valorizados e ouvidos. “A inclusão de memórias diversas no currículo escolar é fundamental para promover o respeito e a empatia entre os alunos” (Araújo; Cunha, 2021, p. 33).

Além disso, a educação patrimonial estimula o pensamento crítico e a análise histórica. Ao investigar diferentes narrativas, os alunos são incentivados a pensar sobre a validade e a importância de cada uma delas, desenvolvendo habilidades analíticas que são cruciais para sua formação acadêmica e cidadã. “O contato com diversas histórias culturais e a reflexão sobre elas são fundamentais para a formação de um pensamento crítico” (Silva; Lima, 2020, p. 42). Essa análise crítica das memórias culturais permite que os alunos compreendam como as histórias se entrelaçam e como elas moldam as realidades sociais.

Outro ponto a ser destacado é o papel da tecnologia na educação patrimonial. Com o advento das novas mídias, é possível registrar, documentar e disseminar histórias que antes estavam ocultas. Plataformas digitais e redes sociais

oferecem um espaço para que as comunidades compartilhem suas memórias e se conectem com um público mais amplo. Isso é especialmente relevante em um mundo globalizado, onde as narrativas locais podem ganhar visibilidade e reconhecimento internacional. Como afirmam Silva e Lima (2020), “as novas tecnologias são aliadas na preservação da memória cultural, permitindo que as histórias sejam contadas e recontadas por diferentes vozes” (p. 50).

Além disso, a educação patrimonial pode ser um meio eficaz de promover o desenvolvimento sustentável. Ao valorizar as práticas culturais e as tradições locais, os alunos podem aprender a importância da preservação ambiental e do respeito à biodiversidade. Site (2019) mostra que as comunidades que reconhecem seu patrimônio cultural tendem a adotar práticas mais sustentáveis e responsáveis, promovendo um relacionamento harmonioso com o meio ambiente. “A educação patrimonial também é uma educação ambiental, pois promove o respeito e a valorização dos recursos naturais e das culturas locais” (p. 65).

A integração da educação patrimonial no currículo escolar também pode contribuir para o fortalecimento da democracia. Ao fomentar a participação ativa dos alunos no reconhecimento e na valorização de suas memórias culturais, a educação patrimonial cria cidadãos mais informados e engajados. Esses cidadãos são mais propensos a participar ativamente da vida pública e a defender seus direitos e os direitos de suas comunidades, promovendo uma sociedade mais justa e equitativa. Como salientam Araújo e Cunha (2021), “a educação patrimonial é um caminho para a formação de cidadãos críticos e atuantes” (p. 39).

Além disso, a educação patrimonial possibilita a construção de uma história mais inclusiva e democrática, onde múltiplas vozes podem ser ouvidas e reconhecidas. Essa abordagem contraria as tradições históricas que muitas vezes privilegiaram apenas as narrativas dominantes, excluindo as contribuições de grupos marginalizados. De acordo com Batista (2024), “a educação patrimonial não apenas preserva o passado, mas também o ressignifica, criando um espaço para a escuta e o reconhecimento de diferentes narrativas” (p. 45). Essa abordagem é essencial para a promoção da diversidade cultural e para o fortalecimento da identidade coletiva.

Uma das principais funções da educação patrimonial é a promoção da diversidade. Ao incluir memórias de diferentes grupos sociais, a educação patrimonial oferece uma visão mais ampla e rica da história. Essa prática permite

que alunos de diversas origens se reconheçam nas narrativas que estudam, conforme observado por Santos (2020), que destaca que “a inclusão de múltiplas vozes enriquece o aprendizado e a formação de uma identidade plural” (p. 33). Essa construção identitária é fundamental para que os jovens se sintam parte integrante de sua sociedade.

A educação patrimonial também oferece uma plataforma para a reflexão crítica sobre as narrativas oficiais. Histórias de comunidades marginalizadas são frequentemente omitidas ou distorcidas, e a educação patrimonial atua como um espaço de resistência contra essas injustiças. Segundo Almeida (2019), “a educação patrimonial permite que os alunos questionem e analisem criticamente as narrativas dominantes, contribuindo para uma compreensão mais profunda da história” (p. 78). Essa análise crítica é essencial para formar cidadãos conscientes e engajados, capazes de transformar suas realidades.

Além disso, a educação patrimonial promove um sentimento de pertencimento. Ao resgatar memórias de suas comunidades, os alunos desenvolvem uma conexão emocional com sua história e cultura. Batista (2024) afirma que “a valorização das memórias locais fortalece o laço dos indivíduos com sua identidade cultural, promovendo um sentimento de pertencimento” (p. 52). Esse pertencimento é fundamental para o desenvolvimento de uma cidadania ativa e responsável, pois incentiva os indivíduos a se engajarem em questões sociais e culturais.

Outro aspecto importante é a democratização do acesso ao conhecimento. A educação patrimonial promove a ideia de que todos têm o direito de contar suas histórias e de que essas histórias merecem ser ouvidas. De acordo com Santos (2020), “a educação patrimonial deve ser um espaço acessível, onde diferentes vozes possam se manifestar e contribuir para a construção do conhecimento” (p. 40). Essa democratização do acesso é essencial para garantir que a educação seja verdadeiramente inclusiva.

A utilização de novas tecnologias na educação patrimonial também se destaca como um recurso valioso. As plataformas digitais permitem que as comunidades compartilhem suas histórias de maneira mais ampla e significativa. Almeida (2019) menciona que “as tecnologias digitais oferecem novas possibilidades para a divulgação e o reconhecimento de memórias culturais, ampliando o alcance das narrativas” (p. 85). Isso é particularmente importante em

um mundo globalizado, onde as vozes locais podem ganhar visibilidade e reconhecimento.

Ademais, a educação patrimonial pode ser uma ferramenta poderosa para a promoção da justiça social. Ao valorizar as histórias de grupos marginalizados, essa abordagem contribui para a luta contra a discriminação e a exclusão. Batista (2024) ressalta que “a educação patrimonial é uma forma de resistência cultural que ajuda a reivindicar direitos e a visibilizar as injustiças sociais” (p. 60). Essa resistência é fundamental para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Além disso, a educação patrimonial estimula o desenvolvimento de habilidades críticas nos alunos. A análise de diferentes narrativas culturais permite que os estudantes desenvolvam um olhar crítico sobre o mundo que os cerca. Como afirmam Santos (2020), “o contato com diversas histórias culturais e a reflexão sobre elas são fundamentais para a formação de um pensamento crítico” (p. 50). Essa habilidade é crucial para que os alunos possam atuar de forma consciente e informada em sua sociedade.

A educação patrimonial é uma abordagem que transforma a forma como vemos e vivemos a história. Ao integrar múltiplas vozes e experiências, essa prática enriquece o conhecimento coletivo e promove uma compreensão mais profunda da diversidade cultural. “A educação patrimonial, ao resgatar e valorizar memórias marginalizadas, constrói uma narrativa mais rica e plural sobre o passado e o presente” (Batista, 2024, p. 75). Portanto, é fundamental que as instituições de ensino incorporem práticas de educação patrimonial, garantindo que todas as vozes e histórias sejam ouvidas e reconhecidas.

A preservação da memória histórica e cultural também é uma maneira de fortalecer os laços comunitários e promover a coesão social. Quando uma comunidade se mobiliza para proteger seus bens culturais, ela reforça os valores que unem seus membros e consolida uma identidade coletiva. Como observa Rossetto (2018), “a educação patrimonial fomenta o diálogo entre as gerações, fortalecendo a continuidade das tradições e a manutenção das práticas culturais” (p. 18).

Outro aspecto fundamental da educação patrimonial é seu papel na promoção da cidadania ativa. Ao envolver os alunos em projetos de preservação do patrimônio, como inventários participativos e oficinas de restauração, os educadores incentivam uma postura crítica e responsável em relação à

conservação dos bens culturais. Martins (2022) destaca que “a preservação do patrimônio é uma responsabilidade coletiva, que exige o engajamento ativo dos cidadãos” (p. 16).

A preservação da memória histórica não se limita ao campo material, mas também abrange a proteção de memórias intangíveis, como saberes, práticas e tradições culturais. A educação patrimonial permite que os alunos entendam a importância dessas manifestações imateriais e desenvolvam estratégias para sua valorização e continuidade. Segundo Florêncio (2016), “as memórias imateriais são parte fundamental da identidade cultural de um povo e sua preservação é essencial para a construção de uma sociedade mais plural e inclusiva” (Marques 2021 *apud* Florêncio, 2016, p. 36).

Os projetos de educação patrimonial podem também contribuir para o desenvolvimento de habilidades práticas nos alunos, como a pesquisa, a documentação e a análise crítica. Ao realizarem inventários culturais ou documentarem tradições locais, os alunos não apenas aprendem sobre o patrimônio, mas também desenvolvem capacidades importantes para sua formação acadêmica e cidadã. Como ressalta Silva (2021), “essas práticas formam cidadãos mais conscientes de seu papel na sociedade e mais aptos a atuar na preservação cultural”(p. 9).

Ademais, a educação patrimonial promove o entendimento de que o patrimônio não é algo estático, mas que está em constante transformação, sendo moldado pelas práticas culturais e sociais. Essa perspectiva permite que os alunos compreendam o patrimônio como um recurso vivo, que pode ser ressignificado e reinterpretado pelas gerações futuras. Como afirma Rossetto (2018), “a dinâmica do patrimônio reflete as mudanças na sociedade e na cultura, o que torna a sua preservação ainda mais complexa e necessária” (p. 9).

O impacto da educação patrimonial na preservação da memória histórica e cultural transcende o ambiente escolar, promovendo mudanças nas práticas comunitárias e na forma como as pessoas se relacionam com o patrimônio ao seu redor. Ao educar para a preservação, os professores não apenas contribuem para o fortalecimento da cidadania, mas também garantem que as memórias e tradições de um povo sejam transmitidas às futuras gerações. A preservação do patrimônio, como afirma Silva (2021), “é um ato de cidadania, pois garante que as histórias e culturas de uma nação sejam mantidas vivas” (p. 38).

3 O TAMBOR DE CRIOLA

O Tambor de Criola é uma manifestação cultural que se desenvolveu no Maranhão a partir das experiências e resistências da população negra escravizada. Sua origem remonta ao período colonial, quando africanos trazidos para o Brasil mantiveram suas tradições culturais e religiosas, adaptando-as ao novo contexto sociocultural em que estavam inseridos (Magalhães, 2014, p. 7). Nesse sentido, a prática do Tambor de Criola emergiu como uma forma de preservar elementos fundamentais da identidade africana, mesclando-se com referências do catolicismo popular e outras expressões culturais brasileiras.

3.1 Origens e influências históricas do tambor de criola

A forte influência africana no Tambor de Criola pode ser percebida nos ritmos, nos cânticos e na organização da roda, aspectos que remontam às celebrações tradicionais dos povos bantos e sudaneses. De acordo com Boas (2024, p. 5), essa manifestação reflete "a capacidade de resiliência e reinvenção das populações afrodescendentes diante das adversidades impostas pelo regime escravista e, posteriormente, pela marginalização social". Dessa forma, o Tambor de Criola se consolidou como um meio de resistência e afirmação cultural das comunidades negras no Maranhão.

A musicalidade do Tambor de Criola é uma das heranças mais evidentes dos africanos escravizados. Os tambores, confeccionados artesanalmente, desempenham papel central na execução da dança e no acompanhamento dos cânticos, funcionando como um elo entre o presente e o passado, entre os ancestrais e as novas gerações (Botão, 2019, p. 9). Esse aspecto reforça a importância da oralidade e da transmissão intergeracional de saberes, aspectos fundamentais para a continuidade da tradição.

A influência religiosa também está fortemente presente no Tambor de Criola, principalmente em relação à devoção a São Benedito, santo católico identificado com os afrodescendentes no Brasil colonial.

"Os festejos em honra a São Benedito frequentemente incorporam a prática do Tambor de Criola, demonstrando como a religiosidade afro-brasileira se funde com o catolicismo popular. Essa fusão evidencia a capacidade de adaptação e ressignificação das tradições africanas no Brasil" (Boas, 2024, p. 12).

Esse sincretismo religioso permitiu que o Tambor de Crioula fosse aceito em contextos mais amplos, sem perder sua essência afrodescendente.

Além das influências africanas e religiosas, o Tambor de Crioula também foi impactado pelos processos históricos vividos no Brasil, como a abolição da escravidão e a posterior exclusão social da população negra. Durante o século XIX, a presença do Tambor de Crioula nas ruas, sobretudo em manifestações quilombolas e terreiros, representa uma forma de resistência cultural marcada pela afirmação da identidade negra em território urbano. Segundo Santos et al. (2021), ao explorar o tambor como instrumento de luta, “o tambor como herança dos pretos é o alimento da alma, algo que sustenta o ser, pois até quem tá doente quando escuta o som do tambor, se levanta e vai brincar” (p. 2). Essa prática reforça o caráter comunitário e ritualístico do Tambor, aproximando-o das raízes africanas e transformando-o em um símbolo de vida e resistência contra as estruturas sociais excludentes.

Historicamente, as ruas serviram como palco para a reafirmação da cultura afro-brasileira em momentos de expulsão do espaço público. Ferretti (2012) aponta que essa manifestação só foi reconhecida como patrimônio imaterial após sofrer perseguição e repressão, sendo mantida viva por comunidades que a incorporaram a seu cotidiano e práticas religiosas. A ocupação dos espaços urbanos pelo Tambor de Crioula demonstra como a cultura popular pode responder à violência simbólica e física, garantindo sua continuidade mesmo diante de políticas de marginalização.

Pesquisas recentes destacam ainda o potencial educativo e antirracista da circulação do Tambor de Crioula nas ruas. O estudo de Silva et al. (2024) mostrou que, ao entrar nas escolas e espaços públicos, a prática contribui substancialmente para a desconstrução de estereótipos raciais, valorizando a ancestralidade afro-brasileira e promovendo um senso de pertencimento nas comunidades. Nesse sentido, a manifestação não apenas revive tradições, mas também educa, atuando no fortalecimento da autoestima de jovens negros e brancos ao aproximar todos de suas raízes culturais.

Em sua dimensão simbólica e performática, o Tambor de Crioula manifesta o sagrado e o profano nas ruas dos centros urbanos, criando um ambiente de celebração e devoção. Ferreira et al. (2020) observam que “o imaginário do sagrado e do profano” se entrelaça na performance das coreiras, que puxam a toada em meio a movimentos centrífugos e circulares, reafirmando laços afetivos e

comunitários. Ao ocupar o espaço público, o Tambor de Crioula não apenas desafia a invisibilidade histórica das práticas afro-brasileiras, mas também constrói novas formas de sociabilidade e ressignificação urbana.

No século XX, o Tambor de Crioula passou a ser reconhecido como um símbolo da cultura maranhense, sendo valorizado em eventos e festivais culturais.

"A institucionalização dessa prática como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) representou um marco na luta pelo reconhecimento e valorização das tradições afrodescendentes no país. No entanto, essa valorização oficial não pode ser dissociada das demandas das comunidades que mantêm essa tradição viva, pois são elas as verdadeiras guardiãs desse patrimônio cultural" (Magalhães, 2014, p. 15).

A relação entre o Tambor de Crioula e a identidade negra no Maranhão reforça a importância da preservação dessa manifestação. Como aponta Botão (2019, p. 14), essa prática "não se limita ao campo do entretenimento, mas atua como um instrumento de construção da memória coletiva e da identidade afro-brasileira". Assim, sua manutenção está diretamente ligada à valorização da cultura e da história das populações negras no Brasil.

Outro fator relevante na história do Tambor de Crioula é a sua relação com a diáspora africana e os processos de resistência cultural. As práticas musicais e coreográficas associadas a essa manifestação encontram paralelos em outras tradições afrodescendentes da América Latina e do Caribe, evidenciando um fenômeno de continuidade e adaptação cultural (Boas, 2024, p. 18). Esse caráter transnacional do Tambor de Crioula reforça sua relevância como parte do patrimônio cultural da diáspora africana.

A urbanização do Maranhão e o avanço das mídias digitais trouxeram novos desafios e oportunidades para a difusão do Tambor de Crioula. Enquanto a globalização impacta as formas tradicionais de transmissão oral, novas tecnologias possibilitam a ampliação do alcance dessa manifestação, permitindo que grupos culturais compartilhem seus saberes e práticas com públicos mais amplos (Magalhães, 2014, p. 20). Esse cenário impõe a necessidade de estratégias de preservação que conciliem inovação e tradição.

A patrimonialização do Tambor de Crioula pelo IPHAN trouxe maior visibilidade à manifestação, mas também suscitou debates sobre a mercantilização da cultura. Segundo Botão (2019, p. 21), "há o risco de que a institucionalização dessa prática resulte na perda de sua espontaneidade e autenticidade,

transformando-a em um espetáculo voltado ao turismo e ao consumo cultural". Essa preocupação reforça a necessidade de políticas públicas que garantam a preservação do Tambor de Crioula sem descaracterizá-lo.

A história do Tambor de Crioula, marcada por resiliência e transformação, demonstra sua importância como uma prática viva e em constante reinvenção. Sua trajetória evidencia como a cultura afro-brasileira resiste e se adapta aos desafios do tempo, mantendo-se como um pilar da identidade maranhense. No próximo tópico, será discutido o papel do Tambor de Crioula como expressão da identidade afro-brasileira, aprofundando a relação entre essa manifestação e a construção das subjetividades negras no Maranhão.

3.2 O Tambor de Crioula como Expressão da Identidade Afro-Brasileira

O Tambor de Crioula, enquanto expressão cultural, ultrapassa os limites da arte para se firmar como um espaço potente de afirmação da identidade negra no Maranhão. A força simbólica presente na batida dos tambores, na formação circular da roda e na interação entre os participantes está profundamente enraizada em memórias ancestrais e práticas coletivas que resistem às pressões homogeneizadoras do processo de urbanização (Vasconcelos et al., 2024). Dessa forma, o Tambor de Crioula se revela como um instrumento essencial para o fortalecimento identitário, permitindo a preservação de histórias, experiências e vivências da população afrodescendente.

A relação entre identidade e manifestação cultural se evidencia na própria organização da roda de Tambor de Crioula. Como observa Souza (2024), essa prática recupera traços da ancestralidade africana e cria um ambiente de pertencimento coletivo, reforçando laços comunitários. Os rituais, os cantos e a dança não se limitam à expressão estética, são também formas de resistência cultural, pois garantem a continuidade dos saberes e valores transmitidos entre gerações.

A cadência dos tambores vai além da simples marcação do ritmo da dança: ela estabelece uma conexão direta com os antepassados. Nesse sentido, Manhães (2012) argumenta que a força dos tambores transcende a musicalidade, funcionando como um "diálogo entre vivos e mortos", conferindo à manifestação um profundo significado espiritual e social.

“O som do tambor estabelece um elo entre os participantes da roda e seus antepassados, funcionando como um canal de comunicação entre o presente e o passado. Essa conexão simbólica reitera a importância da memória coletiva e do reconhecimento das trajetórias de resistência e sobrevivência dos afro descendentes no Brasil” (Manhães, 2012, p. 45).

A prática da “punga”, movimento característico do Tambor de Crioula, também se insere nesse contexto identitário, pois é atravessada por significados de afirmação corporal e empoderamento. Segundo Soares (2017), a “punga” não apenas simboliza a passagem do protagonismo dentro da roda, mas também reafirma o papel das mulheres na cultura popular. A corporeidade expressa por meio da “punga” evidencia como o Tambor de Crioula se configura como um espaço de socialização, onde gênero, identidade e tradição se entrelaçam.

A participação feminina no Tambor de Crioula tem um papel essencial na construção de uma identidade coletiva e na manutenção das tradições culturais afro-brasileiras. Conforme pontua De Sousa Teixeira (2020), “as mulheres, ao ocuparem um espaço de destaque na roda, ressignificam sua própria presença na sociedade, rompendo com padrões impostos e reafirmando sua força dentro das manifestações populares” (p. 72).

O simbolismo do Tambor de Crioula também se revela em seu repertório musical. As letras das canções, muitas vezes improvisadas, abordam temas do cotidiano das comunidades, denunciam questões sociais e expressam mensagens de afirmação da identidade negra. Conforme apontam Vasconcelos et al. (2024), “os versos cantados no Tambor de Crioula são registros vivos da história oral afrodescendente, funcionando como mecanismos de preservação da memória coletiva e transmissão de experiências” (p. 55).

A oralidade, nesse contexto, vai além da simples transmissão de histórias: ela carrega uma dimensão afetiva que reforça os vínculos entre os membros da comunidade. De acordo com Soares (2017), essa prática contribui para o fortalecimento da identidade coletiva ao rememorar os antepassados e suas lutas. Assim, o Tambor de Crioula atua como um elo entre passado e presente, garantindo a continuidade da cultura afro-brasileira e reafirmando sua relevância no cenário contemporâneo.

Além da oralidade, a manifestação também se expressa por meio de elementos visuais e corporais carregados de significado. As danças, os trajes e os movimentos dos participantes comunicam símbolos que reafirmam as conexões

com as matrizes africanas. Para Souza (2024), cada elemento do Tambor possui um sentido particular, desde o ritmo marcado pelos tambores até a presença performática das dançadeiras. Essas características fazem do Tambor de Crioula uma poderosa ferramenta de resistência cultural e de preservação da memória coletiva.

Outro aspecto relevante é a relação do Tambor de Crioula com os espaços urbanos. Embora tenha se originado em comunidades rurais, essa manifestação cultural expandiu-se para os centros urbanos, onde continua exercendo um papel essencial na reafirmação da identidade negra. De acordo com De Sousa Teixeira (2020), esse deslocamento para o ambiente urbano permite que um público mais amplo tenha acesso à prática, favorecendo sua valorização e seu reconhecimento como patrimônio cultural.

O reconhecimento do Tambor de Crioula como Patrimônio Cultural Imaterial pelo IPHAN, em 2007, representou um marco importante para sua preservação. No entanto, como ressalta Manhães (2012), esse reconhecimento, por si só, não garante sua continuidade. É imprescindível o investimento em políticas públicas que assegurem a permanência dessa tradição, incluindo ações voltadas para o fomento às manifestações populares e a valorização da cultura afro-brasileira em diferentes espaços, como a escola e os centros culturais.

No campo educacional, o Tambor de Crioula se apresenta como uma potente ferramenta pedagógica para a abordagem de temas raciais, históricos e sociais. Vasconcelos et al. (2024) destacam que sua inserção no currículo escolar contribui significativamente para a construção de uma educação antirracista, promovendo o respeito e o reconhecimento da diversidade cultural. Essa perspectiva fortalece o compromisso com a equidade e evidencia a importância das contribuições afro-brasileiras na formação da identidade nacional.

Pesquisas mais recentes indicam que o Tambor de Crioula tem passado por transformações significativas desde a década de 1980. O estudo de Alex Silva Costa e Camêlo (2012), realizado no município de São Vicente Férrer, revela que a espetacularização da manifestação, com a adoção de figurinos padronizados e a limitação do tempo de apresentação em palcos, provocou mudanças em sua dimensão ritual.

“O Tambor de Crioula vem se apropriando de outros elementos pertencentes aos parâmetros da indústria cultural, dentre eles, a estipulação de um tempo determinado para sua realização, inclusão de figurinos (indumentária

s) [...] Essas medidas reforçam a espetacularização da manifestação e promovem uma reconfiguração baseada em preceitos modernos” (Costa & Camêlo, 2012, p. 2).

Além da chamada “profissionalização” dos grupos, Costa observa que a mudança de contexto, do terreiro para os palcos urbanos e eventos turísticos, impacta diretamente o conteúdo simbólico do Tambor de Crioula, afastando-o de seus elementos sagrados originais. No entanto, essa nova visibilidade também abre caminhos para o acesso a patrocínios e colabora para fortalecer o orgulho étnico entre as gerações mais jovens.

No campo das ações culturais, Nelson Brito, fundador do Laborarte e um dos principais idealizadores do “Arraial de Santo Antônio” em São Luís, enfatiza que o evento se consolidou como um espaço de resistência para grupos tradicionalmente excluídos da programação oficial. Como afirma o próprio Brito: “O Arraial de Santo Antônio acaba tendo uma militância política muito clara. É um arraial da resistência cultural” (Brito, 2020, s/p.). Sua atuação também foi determinante na trajetória do Mestre Felipe, já que, segundo Costa & Camêlo (2012, p. 4), “esse encontro com Nelson Brito foi fundamental para o aprendizado artístico de Seu Felipe e sua lapidação em Mestre”.

Esses dados reforçam o argumento de Ferretti (2012, p. 168), ao apontar que as políticas de patrimônio e os festivais urbanos “re significam a brincadeira, criando novos códigos de exibição sem, todavia, anular seu valor como emblema étnico-religioso”.

Tais transformações não apenas revelam a impressionante capacidade adaptativa do Tambor de Crioula, como também justificam sua caracterização como um fenômeno híbrido, ao mesmo tempo ritual e espetáculo, lúdico e político, ancestral e contemporâneo. Dessa forma, o Tambor de Crioula segue cumprindo seu papel de afirmação identitária, ao mesmo tempo em que se reinventa frente às demandas de visibilidade e inserção na economia criativa nas cidades maranhenses.

3.3 Estrutura e Elementos do Tambor de Crioula

O Tambor de Crioula é composto por elementos estruturais que conferem singularidade a essa manifestação cultural. A configuração básica envolve uma roda de dançantes, os tocadores de tambor e os cantadores, cada um desempenhando um papel fundamental na dinâmica do ritual (Cascarado e

Mourão, 2007). A estrutura da roda é central para o desenvolvimento da performance, pois nela se desenrolam as interações entre os participantes, baseadas em códigos culturais e tradições transmitidas oralmente.

A musicalidade do Tambor de Crioula é um dos seus principais componentes. Os tambores, conhecidos como "coreiras", são confeccionados artesanalmente a partir de troncos escavados e cobertos por couro animal, geralmente de bode ou veado (Lobo e Cabral, 2010). Há três tipos principais de tambores: o tambor-grande, o tambor-meio e o tambor-pequeno, cada um desempenhando uma função específica dentro do ritmo percussivo. Segundo Guedes (2016), "a percussão dos tambores não segue uma partitura rígida, mas sim um conjunto de convenções orais, transmitidas entre gerações e adaptadas conforme a energia e o contexto da roda" (p. 78).

Outro elemento essencial é o canto responsorial, no qual um puxador entoava versos que são respondidos pelo coro dos participantes. Essa estrutura reforça a coletividade e a oralidade como pilares da tradição (Cascarado e Mourão, 2007). O repertório das músicas pode abranger temas variados, desde louvores a São Benedito até narrativas sobre o cotidiano e a história dos antepassados afrodescendentes.

A dança é caracterizada pela movimentação ritmada dos corpos ao som dos tambores, destacando-se o momento da "punga", um gesto simbólico em que a dançante toca levemente o ventre do tocador de tambor com o quadril (Lobo e Cabral, 2010). Esse gesto representa não apenas um convite para a interação, mas também a afirmação da identidade e da força feminina dentro do ritual.

Outro aspecto importante é a relação entre o Tambor de Crioula e a religiosidade. A devoção a São Benedito é um elemento recorrente na estrutura das apresentações, sendo comum a realização de promessas e oferendas antes das festividades (Cascarado e Mourão, 2007). Essa dimensão espiritual evidencia o sincretismo religioso presente na cultura afro-brasileira e reforça a importância simbólica do Tambor de Crioula.

Além do aspecto devocional, a incorporação de elementos religiosos na estrutura do Tambor de Crioula também se manifesta na organização dos festejos, que frequentemente se iniciam com rezas e cânticos voltados à proteção espiritual dos participantes (Lobo e Cabral, 2010). A crença na intercessão dos santos e na

força ancestral das coreiras fortalece o sentimento de pertencimento entre os membros da comunidade.

A confecção dos instrumentos também pode carregar significados espirituais. Guedes (2016) explica que a escolha da madeira para os tambores envolve práticas ritualísticas, nas quais se pedem bênçãos para garantir que os instrumentos emitam sons harmoniosos e tragam boas energias para as celebrações (p. 84). Esse cuidado na produção dos tambores demonstra a conexão entre o material e o imaterial dentro dessa manifestação cultural.

A organização dos grupos de Tambor de Crioula também segue hierarquias internas, nas quais mestres e mestras desempenham um papel central na preservação dos conhecimentos e no ensino das novas gerações (Cascarado e Mourão, 2007). Essas lideranças são responsáveis por repassar técnicas musicais e coreográficas, além de orientar sobre os valores e a história da tradição.

Outro ponto relevante é a influência do Tambor de Crioula na identidade coletiva das comunidades afrodescendentes. Segundo Lobo e Cabral (2010), "o ritual se torna um espaço de fortalecimento da memória coletiva, no qual cada batida do tambor reforça os laços entre passado e presente" (p. 102). Dessa forma, a estrutura do Tambor de Crioula não apenas resgata tradições ancestrais, mas também fortalece a cultura local frente às mudanças sociais e urbanísticas.

Os elementos estruturais do Tambor de Crioula revelam que essa manifestação vai além de uma performance artística; trata-se de uma prática que engloba valores sociais, espirituais e identitários profundamente enraizados na cultura afro-brasileira. A preservação desses elementos requer esforços contínuos para garantir sua transmissão e valorização em contextos contemporâneos, o que será abordado no próximo tópico.

3.4 Desafios e Perspectivas para a Preservação do Tambor de Crioula

O Tambor de Crioula, enquanto patrimônio cultural imaterial, enfrenta uma série de desafios para sua preservação, os quais são amplificados pelas transformações sociais, econômicas e urbanísticas que ocorreram ao longo do tempo. Em um contexto marcado por transformações rápidas, como a urbanização crescente e as mudanças nos padrões de consumo cultural, a continuidade dessa prática tradicional está cada vez mais em risco. Segundo Dassie (2017), a preservação do Tambor de Crioula não se limita à sua manutenção como uma

manifestação artística, mas envolve a proteção de um modo de vida e de identidade cultural que é construído, em grande parte, nas relações intergeracionais dentro das comunidades.

Um dos principais obstáculos enfrentados por essa manifestação cultural é a falta de valorização por parte da sociedade em geral, especialmente quando comparado a outras formas de expressão cultural que recebem maior destaque na mídia e em eventos de grande porte. Como destaca o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2014), a resistência à institucionalização do Tambor de Crioula reflete uma desvalorização das culturas de origem afro-brasileira, o que tem levado a manifestações de desinteresse e até mesmo a sua marginalização em certos círculos culturais e sociais. A construção de um patrimônio imaterial que reflete a identidade de uma comunidade muitas vezes entra em conflito com as normas e valores de uma sociedade em busca de um conceito homogêneo de cultura.

A expansão urbana e o crescimento desordenado das cidades têm impacto direto nas comunidades onde o Tambor de Crioula é praticado, muitas vezes dificultando o acesso a espaços públicos e a realização de festas e eventos que promovem essa manifestação. Monteles (2017) observa que, com a transformação de áreas tradicionais em espaços urbanos e comerciais, as rodas de tambor, que antes aconteciam ao ar livre, agora estão restritas a ambientes mais privados e muitas vezes inadequados para a prática coletiva, o que compromete a transmissão e a vivência do ritmo entre as gerações. Esse processo de urbanização não apenas reduz o espaço físico para a prática, mas também altera as dinâmicas sociais que sustentam a tradição.

Outro desafio importante é a adaptação do Tambor de Crioula aos novos tempos, sem que isso implique em uma diluição de sua essência cultural. A busca por inovação e a adaptação a novos contextos pode ser um fator tanto positivo quanto negativo. Enquanto, por um lado, o tambor tem encontrado novos públicos através de adaptações para o mercado turístico e eventos culturais, por outro lado, corre o risco de perder sua autenticidade. Dassie (2017) observa que a tendência de comercializar a manifestação cultural pode, de fato, contribuir para sua visibilidade, mas, ao mesmo tempo, transforma o tambor em um produto de consumo, afastando-o de suas origens comunitárias e espirituais.

A questão da transmissão do saber, especialmente para as novas gerações, também tem se mostrado um dos maiores desafios. Como apontado pelo IPHAN (2014), a transmissão de conhecimentos sobre o Tambor de Crioula se dá principalmente por meio da oralidade e da prática direta, com os mais velhos ensinando os mais jovens através da participação nas rodas de tambor. No entanto, a crescente ausência de jovens nessas práticas e a falta de programas educacionais que integrem a cultura popular nos currículos escolares dificultam a continuidade dessa transmissão. A educação, nesse contexto, deveria desempenhar um papel fundamental, promovendo o reconhecimento da importância do tambor e das práticas culturais locais para a formação identitária de cada indivíduo.

A resistência das comunidades que mantêm o Tambor de Crioula viva é um ponto de destaque no processo de preservação, mas essa resistência precisa ser compreendida dentro de um contexto mais amplo de luta por reconhecimento e direitos. O tambor não é apenas uma prática cultural, mas também uma forma de resistência histórica contra a opressão e a marginalização das populações afro-brasileiras. Monteles (2017) afirma que, para essas comunidades, manter a tradição do Tambor de Crioula é uma maneira de afirmar a identidade e de reafirmar suas raízes diante de um cenário de exclusão social e cultural. A preservação do tambor, portanto, não deve ser vista apenas como uma ação estética ou artística, mas como um ato político.

A falta de apoio institucional e de políticas públicas adequadas também é um fator limitante para a preservação do Tambor de Crioula. O IPHAN (2014) enfatiza que, embora o tambor tenha sido reconhecido como patrimônio imaterial, ainda são necessárias políticas públicas mais efetivas que integrem o tambor no cenário cultural nacional de maneira mais significativa. Além disso, é preciso que as comunidades que mantêm essa prática tenham acesso a recursos e a incentivos para manter a tradição de forma autêntica, sem a pressão de adaptar-se apenas às expectativas do mercado cultural. A implementação de ações de incentivo à pesquisa, à documentação e à promoção da cultura popular é vital para garantir a preservação desse patrimônio.

A comercialização do Tambor de Crioula, ao mesmo tempo em que garante maior visibilidade à prática, também impõe desafios relacionados à diluição de suas características originais. Monteles (2017) aponta que, muitas vezes, o tambor, ao

ser inserido em contextos turísticos, acaba sendo apresentado como um espetáculo e não como uma manifestação cultural autêntica. Essa transformação, embora traga benefícios econômicos, pode enfraquecer os vínculos entre as comunidades e a tradição, tornando-a um produto de consumo que não reflete as realidades e significados profundos do Tambor de Crioula.

Ademais, a preservação do Tambor de Crioula não se limita à sua prática e ao reconhecimento formal. A implementação de estratégias que envolvam a educação, a valorização do patrimônio e a história local da sociedade como um todo sobre a importância dessa manifestação são fundamentais. Dassie (2017) destaca que é necessário criar espaços de debate e reflexão sobre a importância do tambor na formação da identidade cultural regional, promovendo a aproximação das novas gerações com as tradições de suas comunidades. O desafio, portanto, é não apenas preservar a prática, mas também assegurar que ela continue a ser vivida e experimentada como uma forma legítima de expressão cultural.

Em relação às perspectivas para a preservação do Tambor de Crioula, a promoção de iniciativas que integrem o tambor no cenário educacional e nas políticas culturais pode ser uma forma de garantir sua continuidade. Monteles (2017) ressalta que, ao integrar práticas culturais tradicionais como o tambor no currículo escolar, as escolas podem desempenhar um papel fundamental na preservação do patrimônio cultural imaterial, criando espaços de reflexão sobre a identidade cultural e fortalecendo a conexão dos jovens com suas origens. A educação, assim, surge como uma ferramenta indispensável para assegurar que o tambor continue sendo uma expressão cultural vibrante e relevante.

3.5 O Tambor de Crioula como Ferramenta de Educação Patrimonial

O Tambor de Crioula representa mais do que uma manifestação cultural afro-brasileira; é também uma ferramenta poderosa para a educação patrimonial, essencial para a preservação da memória coletiva e para a formação de uma identidade cultural sólida. Neste contexto, o Tambor de Crioula não apenas revigora as práticas culturais, mas também desempenha um papel fundamental na construção da cidadania e no fortalecimento dos vínculos comunitários. Como afirma Sá (2019), as manifestações culturais como o Tambor de Crioula contribuem para o reconhecimento da importância do patrimônio imaterial, essencial para a

compreensão do passado e a construção do futuro, destacando a relevância de tais práticas na educação da sociedade contemporânea.

O processo de tombamento do Tambor de Crioula como Patrimônio Cultural Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) foi oficializado em 2007, após uma extensa investigação técnica, histórica e antropológica. Essa ação foi resultado do reconhecimento da importância simbólica, cultural e histórica da manifestação para o estado do Maranhão e para a identidade afro-brasileira de modo geral. Segundo o dossiê de registro produzido pelo IPHAN, o tambor foi compreendido como uma prática viva, que reúne música, dança, religiosidade e resistência social. Esse processo não apenas conferiu status legal à manifestação, mas também impulsionou políticas de valorização da cultura negra (IPHAN, 2007).

Entretanto, o tombamento não é um ponto final, mas sim um marco a partir do qual se exige constante acompanhamento e implementação de políticas públicas que assegurem a continuidade da prática em seus contextos originais. Como explica Brito (2019), o reconhecimento oficial deve estar associado ao fomento de ações locais que garantam a vivência plena da tradição, como o incentivo à formação de grupos, financiamento de eventos comunitários e valorização dos mestres da cultura popular. Nesse sentido, o tombamento pode ser compreendido como um passo inicial de um processo mais amplo de salvaguarda, que precisa incluir as vozes e saberes das próprias comunidades envolvidas.

Entre os mestres mais respeitados e simbolicamente representativos da tradição do Tambor de Crioula, destaca-se o Mestre Felipe, reconhecido não apenas pela maestria na percussão e liderança de grupos, mas também por seu papel como educador e transmissor da cultura oral. Segundo Costa e Camêlo (2012), “Seu Felipe desempenhou um papel fundamental na difusão e valorização do Tambor de Crioula em São Vicente Férrer, transformando sua prática em um instrumento de resistência e identidade comunitária” (p. 3). Sua trajetória está intimamente ligada ao fortalecimento do tambor como elemento de coesão social, espiritualidade e identidade negra no Maranhão.

A atuação de Mestre Felipe não se restringe ao campo artístico. Ele também contribuiu significativamente para as discussões em torno da patrimonialização do tambor, atuando em projetos culturais, seminários e eventos voltados à educação patrimonial. Em entrevista concedida ao projeto de pesquisa de Costa e Camêlo

(2012), ele afirma: “A gente não brinca só por brincar, a gente toca o tambor para lembrar nossos antepassados, para ensinar os meninos e para dizer que a gente está vivo” (p. 4). Esse tipo de fala evidencia o papel político do tambor como espaço de resistência à invisibilidade social imposta às culturas afro-brasileiras.

A valorização de figuras como Mestre Felipe mostra a importância de uma abordagem de preservação que vá além do reconhecimento institucional. Ela exige o fortalecimento dos sujeitos que mantêm viva a prática cultural, muitas vezes em condições sociais e econômicas adversas. Assim, para que o tombamento do Tambor de Crioula produza efeitos reais, é necessário que o Estado e a sociedade civil promovam meios concretos de apoio aos mestres da tradição, reconhecendo-os como protagonistas de um saber que é, ao mesmo tempo, histórico, artístico e político.

A educação patrimonial visa não apenas a preservação de bens culturais, mas também a sensibilização das novas gerações sobre a importância desses patrimônios para a formação da identidade coletiva. Costa (2023) destaca que, ao integrar o Tambor de Crioula nos processos educativos, é possível criar um espaço de aprendizagem que estimula o reconhecimento e a valorização das raízes culturais locais, promovendo um sentimento de pertencimento e respeito pela diversidade. A educação patrimonial, ao incorporar práticas culturais vivas como o Tambor de Crioula, permite que os alunos se envolvam de maneira ativa com sua história, entendendo as dinâmicas sociais e culturais que moldaram as suas comunidades.

Nesse sentido, o Tambor de Crioula vai além de uma simples expressão artística, tornando-se uma prática educativa por excelência. Segundo Sá (2019), o processo de ensino e aprendizagem envolvendo o tambor não se dá apenas na instrução formal, mas também na vivência e na participação ativa dos estudantes nas rodas de tambor, onde se aprende, de forma prática, a importância do patrimônio cultural. Esse tipo de abordagem permite que os alunos se sintam parte de um legado cultural, ao mesmo tempo em que desenvolvem uma compreensão crítica sobre as questões sociais, culturais e históricas envolvidas.

A prática do tambor, ao ser inserida no contexto escolar, se revela como uma estratégia para fortalecer a identidade cultural dos alunos, especialmente em comunidades com forte presença afro-brasileira. Costa (2023) observa que, ao incluir práticas como o Tambor de Crioula nos currículos escolares, as escolas não

só preservam uma tradição, mas também proporcionam aos alunos uma oportunidade de refletir sobre as dinâmicas de poder, resistência e pertencimento que envolvem as populações negras no Brasil. Esse engajamento permite a construção de uma educação mais inclusiva, que respeita e celebra a diversidade cultural.

A incorporação do Tambor de Crioula em atividades educacionais permite que os alunos compreendam as várias dimensões de um patrimônio imaterial. Como exposto por Sá (2019), a experiência prática com o tambor oferece aos estudantes uma forma de aprendizagem que envolve não apenas o conhecimento teórico, mas também a vivência direta das tradições culturais. Este método ativo de aprendizagem, que promove o contato direto com as práticas tradicionais, é essencial para a formação de uma consciência crítica sobre a importância da preservação do patrimônio cultural.

Além disso, o Tambor de Crioula pode ser visto como uma forma de resistência cultural, pois sua prática representa a continuidade de uma tradição que, historicamente, foi marginalizada e até mesmo reprimida. A sua inserção no ensino, conforme Costa (2023), não só valoriza essa prática como patrimônio imaterial, mas também atua como um meio de resistência e afirmação cultural. A educação patrimonial, ao incluir o tambor, promove uma reflexão sobre as políticas de memória e de preservação da cultura afro-brasileira, essencial para o fortalecimento das identidades de comunidades tradicionais.

A experiência de vivência do Tambor de Crioula nas escolas, como prática pedagógica, vai além da musicalidade e da dança. Ela envolve o ensino de valores como coletividade, respeito, solidariedade e preservação cultural, aspectos fundamentais para o desenvolvimento da cidadania. Costa (2023) observa que a inserção do tambor nos processos educativos permite que os alunos compreendam a importância das relações sociais que sustentam essas práticas e como elas contribuem para a construção de um bem comum. Esse aprendizado, portanto, se desvia do mero estudo de conteúdos acadêmicos para se tornar uma prática de educação para a vida.

Nesse contexto, a educação patrimonial por meio do Tambor de Crioula oferece uma abordagem inovadora para a construção de conhecimentos que transcendem os limites da sala de aula. Como menciona Sá (2019), a utilização do tambor como ferramenta pedagógica fortalece o vínculo entre os alunos e a cultura

local, promovendo o sentimento de pertencimento e de responsabilidade pela preservação desse patrimônio. Essa vivência direta é um componente essencial para a efetividade da educação patrimonial, pois permite que os alunos se conectem de forma mais profunda com a cultura que estão aprendendo a respeitar e preservar.

Ainda, é importante considerar que a utilização do Tambor de Crioula como ferramenta educativa também pode contribuir para a integração das escolas com as comunidades locais, criando um laço entre a instituição escolar e as práticas culturais vivas. Costa (2023) enfatiza que a escola, ao incorporar práticas culturais tradicionais em seu currículo, se torna um ponto de encontro entre os saberes locais e o conhecimento acadêmico. Esse estreitamento entre escola e comunidade é fundamental para o fortalecimento do papel da educação na sociedade, já que a escola passa a ser vista como um espaço de aprendizado e também de valorização das culturas locais, estabelecendo um vínculo positivo entre educação formal e os saberes populares.

Ademais, a prática do Tambor de Crioula, ao ser aplicada de forma educativa, contribui para a construção de uma memória coletiva, especialmente importante em um contexto em que as tradições culturais afro-brasileiras ainda enfrentam desafios para seu reconhecimento e preservação. Sá (2019) observa que o processo de ensino do tambor não se restringe a uma aprendizagem teórica, mas propõe um processo de imersão na prática cultural, que fortalece a memória histórica das comunidades afro-brasileiras. Esse tipo de ensino vai além da preservação, mas busca também a construção de uma narrativa coletiva que possa ser compartilhada e perpetuada pelas gerações futuras.

No que diz respeito ao impacto no desenvolvimento das habilidades cognitivas dos estudantes, a prática do Tambor de Crioula se revela também como uma atividade que estimula a criatividade, o pensamento crítico e a capacidade de expressão. Costa (2023) destaca que, ao participar de atividades como as rodas de tambor, os alunos não apenas praticam a música e a dança, mas também desenvolvem competências cognitivas, como a coordenação motora, a atenção e a memória. Essas competências são essenciais para o desenvolvimento integral dos estudantes, pois trabalham diferentes dimensões do aprendizado, integrando o corpo, a mente e as emoções.

A utilização do Tambor de Crioula no ensino de diversas disciplinas também abre caminhos para a interdisciplinaridade, criando oportunidades para o desenvolvimento de projetos que integrem conhecimentos das áreas de História, Sociologia, Educação Física e Artes. Costa (2023) sugere que a prática do tambor pode ser integrada a temas transversais, permitindo aos alunos uma aprendizagem mais conectada com as realidades culturais e sociais que os cercam. Dessa forma, o tambor se torna um elo entre diferentes áreas do conhecimento, ampliando as possibilidades de aprendizagem e tornando o ensino mais dinâmico e contextualizado.

4 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ATRAVÉS DO TAMBOR DE CRIOULA

A educação patrimonial, enquanto proposta pedagógica voltada para a valorização da memória, da identidade e da diversidade cultural, assume papel central no contexto das diretrizes curriculares que orientam uma escola democrática, plural e inclusiva. No Brasil, essa abordagem tem se revelado particularmente importante para o enfrentamento das desigualdades raciais e culturais que historicamente marginalizaram as contribuições das populações afrodescendentes. Nesse cenário, o Tambor de Crioula, expressão cultural tradicional do estado do Maranhão, reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo IPHAN em 2007, emerge como uma potente ferramenta pedagógica. Seu valor simbólico, histórico e social permite múltiplas articulações com os conteúdos escolares, favorecendo o desenvolvimento de práticas educativas contextualizadas, críticas e transformadoras.

Este capítulo dedica-se a discutir, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, como o Tambor de Crioula pode ser inserido no espaço escolar como prática de valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro. Serão exploradas suas possibilidades de aplicação nas disciplinas de História, Artes, Língua Portuguesa, Educação Física e Sociologia, considerando o potencial que essa manifestação tem para ampliar o repertório cultural dos estudantes, estimular o senso crítico e promover a identidade étnico-racial. Mais do que tratar o Tambor de Crioula como objeto de estudo, a proposta aqui defendida é compreendê-lo como sujeito de conhecimento, vivência e transformação no ambiente escolar.

Além disso, o capítulo apresenta relatos, estudos de caso e análises sobre experiências concretas em que o Tambor de Crioula foi integrado às práticas

pedagógicas, destacando os impactos positivos dessa incorporação para o desenvolvimento da consciência histórica, o fortalecimento dos vínculos comunitários e a promoção da equidade racial e cultural no processo educativo. Com base em referenciais teóricos sobre educação patrimonial, estudos maranhenses e documentos oficiais, busca-se demonstrar que a inserção dessa manifestação cultural no cotidiano escolar contribui para a construção de uma escola mais dialógica, sensível às realidades locais e alinhada aos princípios de justiça social e respeito à diversidade.

4.1 Práticas pedagógicas com o Tambor de Crioula: saberes efazeres em sala de aula

A integração do Tambor de Crioula no ambiente escolar representa uma estratégia eficaz para promover a educação patrimonial, valorizando as manifestações culturais afro-brasileiras e fortalecendo a identidade dos estudantes. Essa prática educativa permite que os alunos compreendam e vivenciem aspectos significativos da cultura maranhense, contribuindo para a formação de uma consciência crítica e plural.

Morais (2024) destaca que a dança do Tambor de Crioula, ao ser inserida nas escolas, possibilita a construção de um corpo dançante e de um pensamento crítico sobre a aplicação da Lei nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras. Essa abordagem promove o reconhecimento das identidades negras no ambiente escolar, criando espaços de diálogo e valorização das diferenças culturais.

A utilização do Tambor de Crioula como ferramenta pedagógica envolve atividades práticas, como oficinas de dança, confecção de instrumentos e rodas de conversa, que permitem aos estudantes uma imersão nos saberes tradicionais. Viana (2009) ressalta que essas práticas educativas proporcionam uma experiência significativa para o ensino de danças tradicionais, ampliando a compreensão do corpo, do contexto e da própria dança.

Segundo Viana (2009),

"Ensinando e aprendendo; experimentando novas dinâmicas, experimentando com o corpo, experimentando seu corpo no espelho do outro; enfim, vivenciando dinâmicas corporais reveladoras de si e dos outros, permitindo-se resgatar diversas formas de dançar para motivar práticas educativas significativas, capazes de ampliar a compreensão do corpo, do contexto e da própria dança." (Viana, 2009, p. 176)

A abordagem interdisciplinar do Tambor de Crioula nas escolas permite sua articulação com diversas áreas do conhecimento, como História, Artes, Educação Física e Sociologia. Essa integração curricular enriquece o processo de ensino-aprendizagem, promovendo uma educação mais contextualizada e significativa.

Ferretti (2012) observa que o reconhecimento do Tambor de Crioula como patrimônio cultural tem impulsionado seu estudo e divulgação, despertando o interesse de pesquisadores, educadores e estudantes. Esse movimento contribui para a valorização das culturas populares e para a construção de uma educação mais inclusiva e democrática.

"O Tambor de Crioula é uma manifestação afro-brasileira que ocorre na maioria dos municípios do Maranhão, envolvendo uma dança circular feminina, canto e percussão de tambores. Dela participam as coreiras ou dançadeiras, conduzidas pelo ritmo intenso dos tambores e pelo influxo das toadas evocadas por tocadores e cantadores, culminando na punção ou umbigada, gesto característico, entendido como saudação e convite." (IPHAN, 2014, p. 5).

Complementando o panorama apresentado por Ferretti (2012), o estudo da pesquisadora Antônia Angelina Machado Rodrigues, intitulado *Tambor de crioula: um resgate histórico e suas contribuições sócio-culturais ao povo maranhense* (2012), oferece um recorte mais detalhado sobre a trajetória social e religiosa da prática no Maranhão. A autora aborda como a manifestação transcende os aspectos festivos para se consolidar como um elemento central da resistência afro-brasileira, especialmente em sua vinculação às devoções católicas, como a São Benedito. Antônia Rodrigues destaca que o tambor, além de ser "forma de divertimento", também representa uma "louvação a São Benedito e perpetuação da resistência negra", revelando a íntima relação entre fé e identidade.

O trabalho de Rodrigues (2012) reforça que o Tambor de Crioula se caracteriza por seu caráter intergeracional, sendo transmitido oralmente e pela vivência comunitária. A autora realiza entrevistas, como com Izaurina Nunes, e encontra que a prática se mantém viva exatamente pela colaboração entre gerações, dificultando a sua apropriação "exterior" e garantindo a continuidade da tradição nos terreiros e grupos familiares. Essa dinâmica confirma a hipótese de Ferretti sobre a manifestação como forma de patrimônio imaterial enraizado na comunidade local.

Outro ponto relevante no estudo de Rodrigues refere-se à transição do Tambor de Crioula do ambiente residencial para o uso em espaços públicos,

jornadas culturais e atividades turísticas, processo que coincide com as transformações urbanas descritas por Ferretti. Esse deslocamento, segundo a pesquisadora, reforça a visibilidade da prática, mas impõe novos códigos performáticos e exigências de representação que nem sempre preservam sua essência comunitária. Ainda assim, Rodrigues argumenta que essa migração pode contribuir para a educação cultural e o reconhecimento mais amplo da manifestação.

O resgate histórico apresentado no estudo também reforça a luta contra a invisibilização. A partir de levantamento em jornais locais e documentos históricos, Antônia Rodrigues investiga como imprensa e instituições passaram a registrar o Tambor de Crioula somente a partir dos anos 2000, consolidando o discurso de valorização cultural. Segundo ela, “o discurso sobre esse bem imaterial nos jornais locais a partir de 2000” sinaliza uma transformação na percepção social, acompanhada de uma legitimação simbólica e patrimonial. Essa evidência dialoga com as interpretações de Chartier, trazidas pela própria autora.

A implementação de projetos pedagógicos que incorporam o Tambor de Crioula contribui para o fortalecimento dos vínculos comunitários e para o combate ao preconceito racial e cultural. Costa (2023) argumenta que essas iniciativas promovem a valorização das tradições afro-brasileiras e estimulam a construção de uma identidade cidadã entre os estudantes.

"O presente trabalho analisa o Tambor de Crioula, sendo utilizado nos processos de ensino-aprendizagem e criações artísticas dos estudantes do 8º ano, explorando as contribuições dos afro-brasileiros na sociedade e nas Artes. Percebe-se conteúdos de ensinamentos referentes ao Tambor de Crioula ainda são pouco usados na sala de aula e praticamente ausentes nos Livros Didáticos de Artes doados pelo Plano Nacional dos livros didáticos (PNLD). O Tambor de Crioula é uma manifestação popular presente em todo Maranhão, ligada à história e à cultura da população afro-brasileira. Ele é carregado de ancestralidade, ensinamentos e resistência negra." (Costa, 2023, p. 2)

A inserção do Tambor de Crioula nas práticas escolares deve considerar, ainda, o protagonismo das comunidades tradicionais e dos mestres da cultura popular. O saber tradicional não pode ser tratado como objeto a ser apenas analisado ou reproduzido em sala de aula, mas deve ser vivenciado com respeito às suas origens e significados. Conforme aponta Santos (2015), as escolas que estabelecem parcerias com mestres de cultura, promovendo oficinas e encontros culturais, desenvolvem práticas educativas mais autênticas e conectadas com o

território. Essa integração entre escola e comunidade fortalece os vínculos culturais e potencializa a aprendizagem dos alunos.

Além disso, é importante destacar que o Tambor de Crioula, por suas características corporais, musicais e simbólicas, oferece múltiplas possibilidades metodológicas no ensino. Sua abordagem pode ser adaptada para aulas teóricas e práticas, utilizando recursos como vídeos documentais, confecção de instrumentos artesanais, estudo de letras de toadas e até mesmo a criação de projetos interdisciplinares com foco na cultura afro-brasileira. Como enfatiza Souza (2021), “o contato direto com expressões culturais locais provoca no aluno a reflexão sobre sua identidade, território e ancestralidade, abrindo caminhos para o reconhecimento da pluralidade e da história de resistência do povo negro” (Souza, 2021, p. 88).

Outra contribuição significativa da aplicação do Tambor de Crioula no ambiente escolar refere-se à valorização da corporeidade como forma de conhecimento. Ao vivenciarem os movimentos corporais da dança, os alunos são desafiados a perceber o corpo como instrumento de expressão, memória e resistência. Essa abordagem é especialmente potente em um sistema educacional que, muitas vezes, valoriza predominantemente os saberes intelectuais. Segundo Silva e Ribeiro (2022), práticas pedagógicas que envolvem o corpo possibilitam a ampliação da percepção de mundo dos estudantes, promovendo aprendizagens sensíveis, afetivas e críticas.

É válido ainda observar que a inclusão de conteúdos relacionados ao Tambor de Crioula também contribui para o combate às práticas discriminatórias e ao racismo estrutural presentes no cotidiano escolar. Ao abordar uma manifestação que tem raízes africanas e forte representação negra, a escola contribui para a descolonização do currículo e para o reconhecimento da diversidade étnico-racial brasileira. De acordo com Lima (2016), “o ensino das culturas negras no ambiente escolar deve ultrapassar o folclórico e o comemorativo, sendo necessário integrá-las ao conteúdo e à vivência escolar de maneira sistemática e reflexiva” (Lima, 2016, p. 142).

Dessa forma, a efetivação de práticas pedagógicas com o Tambor de Crioula requer o comprometimento das equipes escolares, a formação continuada de professores e o apoio das políticas públicas educacionais. Não se trata apenas de inserir conteúdos pontuais sobre a cultura afro-brasileira, mas de construir um

projeto pedagógico que valorize a diversidade, respeite os direitos culturais e promova o pertencimento. Como destaca Oliveira (2020), a educação patrimonial crítica, quando bem implementada, pode transformar o espaço escolar em um território de reconhecimento e de construção de saberes plurais, democráticos e emancipatórios.

4.2 O Tambor de Crioula como Estratégia Pedagógica Interdisciplinar

A integração do Tambor de Crioula no ambiente escolar transcende a mera valorização cultural, configurando-se como uma estratégia pedagógica interdisciplinar que enriquece o processo de ensino-aprendizagem. Ao articular-se com diferentes componentes curriculares, como História, Artes, Língua Portuguesa, Educação Física e Sociologia, essa manifestação cultural afro-brasileira promove uma abordagem crítica, criativa e plural da educação.

No campo da História, o Tambor de Crioula oferece uma oportunidade ímpar para abordar a resistência cultural dos povos afrodescendentes no Brasil. Sua origem está intrinsecamente ligada à luta contra a opressão e à preservação das tradições africanas. Ao estudar essa manifestação, os alunos podem compreender as dinâmicas sociais e políticas que marcaram a formação da sociedade brasileira, reconhecendo a contribuição dos negros na construção da identidade nacional.

Na disciplina de Artes, o Tambor de Crioula se apresenta como um campo fértil para a exploração de elementos estéticos e expressivos. A dança circular, os toques dos tambores e as toadas cantadas proporcionam uma experiência sensorial que estimula a criatividade e a sensibilidade artística dos estudantes. Além disso, a confecção de instrumentos e indumentárias pode ser incorporada às atividades práticas, promovendo o desenvolvimento de habilidades manuais e o entendimento dos processos de criação artística.

A Língua Portuguesa também se beneficia da inclusão do Tambor de Crioula no currículo escolar. As toadas, com suas letras poéticas e simbólicas, oferecem material rico para análise linguística e literária. A interpretação de textos orais e escritos relacionados a essa manifestação permite o desenvolvimento da competência leitora e escritora, além de fomentar discussões sobre oralidade, tradição e identidade cultural.

Na Educação Física, o Tambor de Crioula contribui para a valorização da corporeidade e da expressão corporal. A prática da dança e dos movimentos

característicos dessa manifestação promove o conhecimento do próprio corpo, o desenvolvimento da coordenação motora e o respeito às diferentes formas de expressão. Além disso, a vivência coletiva da dança fortalece os laços sociais e estimula o trabalho em equipe.

A Sociologia encontra no Tambor de Crioula um objeto de estudo que permite a análise das relações sociais, das estruturas de poder e das dinâmicas culturais presentes na sociedade brasileira. Ao investigar essa manifestação, os alunos podem refletir sobre questões como identidade, etnicidade, desigualdade e resistência, desenvolvendo uma consciência crítica e cidadã.

A interdisciplinaridade promovida pelo Tambor de Crioula favorece a construção de um currículo mais integrado e significativo. Ao articular diferentes áreas do conhecimento em torno de uma manifestação cultural concreta, os professores podem desenvolver projetos pedagógicos que dialogam com a realidade dos alunos e promovem uma aprendizagem contextualizada.

A implementação de projetos pedagógicos que incorporam o Tambor de Crioula contribui para o fortalecimento dos vínculos comunitários e para o combate ao preconceito racial e cultural. Costa (2023) argumenta que essas iniciativas promovem a valorização das tradições afro-brasileiras e estimulam a construção de uma identidade cidadã entre os estudantes.

A abordagem interdisciplinar do Tambor de Crioula nas escolas permite sua articulação com diversas áreas do conhecimento, como História, Artes, Educação Física e Sociologia. Essa integração curricular enriquece o processo de ensino-aprendizagem, promovendo uma educação mais contextualizada e significativa.

"O Tambor de Crioula é uma manifestação afro-brasileira que ocorre na maioria dos municípios do Maranhão, envolvendo uma dança circular feminina, canto e percussão de tambores. Dela participam as coreiras ou dançadeiras, conduzidas pelo ritmo intenso dos tambores e pelo influxo das toadas evocadas por tocadores e cantadores, culminando na punção ou umbigada, gesto característico, entendido como saudação e convite." (IPHAN, 2014, p. 5)

A efetivação de práticas pedagógicas com o Tambor de Crioula requer o comprometimento das equipes escolares, a formação continuada de professores e o apoio das políticas públicas educacionais. Não basta apenas incluir conteúdos sobre manifestações culturais afro-brasileiras nos planos de aula; é necessário que essas práticas sejam desenvolvidas com sensibilidade, respeito e conhecimento. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a importância da valorização da

cultura afro-brasileira em todos os níveis de ensino, propondo uma abordagem transversal que dialogue com os temas contemporâneos da sociedade, especialmente a promoção da equidade racial e o reconhecimento da diversidade (Brasil, 2017).

Além disso, os projetos interdisciplinares baseados no Tambor de Crioula proporcionam experiências de aprendizagem significativas, pois rompem com a fragmentação dos conteúdos e promovem a construção coletiva do conhecimento. Conforme apontado por Oliveira (2022), a interdisciplinaridade, quando bem articulada, favorece o desenvolvimento do pensamento crítico e contribui para a formação integral dos estudantes, promovendo o diálogo entre os saberes escolares e os saberes populares. Nesse sentido, o Tambor de Crioula se torna um potente articulador entre teoria e prática, entre o conhecimento formal e as vivências culturais do cotidiano.

É fundamental considerar que o uso do Tambor de Crioula nas práticas pedagógicas também pode ser uma ferramenta para enfrentar o racismo estrutural presente na sociedade e, muitas vezes, reproduzido no ambiente escolar. A visibilização das culturas negras e indígenas no currículo representa um passo significativo na construção de uma educação antirracista, como defendido por Gomes (2005). A autora enfatiza que a educação precisa não apenas ensinar sobre diversidade, mas combater ativamente as desigualdades históricas produzidas pelo silenciamento e pela exclusão das culturas negras nos processos educativos.

Ademais, a construção de atividades pedagógicas a partir do Tambor de Crioula favorece o fortalecimento dos vínculos identitários dos estudantes com sua comunidade e seu território. De acordo com Santos (2019), quando os alunos se reconhecem nas práticas culturais valorizadas na escola, há um aumento do sentimento de pertencimento, o que impacta positivamente sua autoestima e seu engajamento no processo de aprendizagem. Isso também contribui para o desenvolvimento da cidadania, pois promove o respeito às diferenças e a valorização das múltiplas identidades culturais.

É imprescindível que o trabalho com o Tambor de Crioula nas escolas seja pautado por metodologias participativas, dialógicas e sensíveis à realidade dos alunos. O envolvimento da comunidade escolar, de mestres da cultura popular, e

de instituições que atuam na preservação do patrimônio imaterial pode enriquecer ainda mais essas experiências educativas. Quando a escola se abre para o diálogo com os saberes tradicionais, ela amplia sua função social e se torna um espaço de transformação, onde o conhecimento é construído de forma colaborativa e plural.

A inserção do Tambor de Crioula nas práticas pedagógicas escolares representa uma estratégia eficaz para promover a educação patrimonial, valorizar as culturas afro-brasileiras e fortalecer a identidade dos estudantes. Essa abordagem contribui para a construção de uma educação mais inclusiva, crítica e comprometida com a diversidade cultural.

4.3 Experiências e Impactos da Educação Patrimonial por meio do Tambor de Crioula

A educação patrimonial, ao integrar manifestações culturais como o Tambor de Crioula, promove uma aprendizagem significativa que valoriza as identidades locais e fortalece os vínculos comunitários. No Maranhão, diversas experiências têm demonstrado o potencial dessa abordagem na construção de uma educação mais inclusiva e contextualizada.

Em São Luís, oficinas de Tambor de Crioula têm sido implementadas em escolas públicas, proporcionando aos estudantes a vivência direta com essa manifestação cultural. Durante as atividades, os alunos aprendem a tocar instrumentos como tambor grande, meia, crivador e matraca, além de dançar e cantar. As oficinas têm como principal objetivo proporcionar a crianças e jovens a oportunidade de aprender sobre canto, dança e percussão com mestres de cultura, utilizando a metodologia "aprender fazendo", os participantes têm uma experiência direta e envolvente com a prática do tambor de crioula.

A inserção do Tambor de Crioula no currículo escolar também tem contribuído para o fortalecimento da autoestima dos estudantes afrodescendentes. Ao reconhecerem suas raízes culturais sendo valorizadas no ambiente escolar, os alunos desenvolvem um sentimento de pertencimento e orgulho de sua identidade. Essa valorização é fundamental para combater o racismo e promover a equidade racial na educação.

Além disso, o Tambor de Crioula tem sido utilizado como ferramenta pedagógica na promoção da educação antirracista nas escolas de São Luís, Maranhão. O Brasil, marcado por uma história de escravidão e discriminação racial,

carrega consigo legados persistentes na contemporaneidade. Nesse contexto, São Luís, com sua rica tradição cultural afro-brasileira representada pelo Tambor de Crioula, foi o cenário propício para esta pesquisa. No âmbito educacional, Guimarães e Santos (2018) discutem o potencial pedagógico do Tambor de Crioula, destacando sua capacidade de valorizar a diversidade étnico-cultural e fortalecer a autoestima dos alunos afrodescendentes.

"A cada apresentação de roda de tambor percebo que os participantes parecem cansados, mas ao mesmo tempo saem revigorados e felizes, isto por manter viva o que eles denominam de tradição e popular. Cada experiência de dançar no tambor de crioula parece única, conforme expresso pelas coreiras que têm me auxiliado no sentido de aprofundar conhecimento." (Silva, 2017, p. 45)

A implementação de projetos pedagógicos que incorporam o Tambor de Crioula contribui para o fortalecimento dos vínculos comunitários e para o combate ao preconceito racial e cultural. Costa (2023) argumenta que essas iniciativas promovem a valorização das tradições afro-brasileiras e estimulam a construção de uma identidade cidadã entre os estudantes.

A abordagem interdisciplinar do Tambor de Crioula nas escolas permite sua articulação com diversas áreas do conhecimento, como História, Artes, Educação Física e Sociologia. Essa integração curricular enriquece o processo de ensino-aprendizagem, promovendo uma educação mais contextualizada e significativa.

A efetivação de práticas pedagógicas com o Tambor de Crioula requer o comprometimento das equipes escolares, a formação continuada de professores e o apoio das políticas públicas educacionais. Não basta apenas incluir conteúdos sobre manifestações culturais afro-brasileiras nos planos de aula; é necessário que essas práticas sejam desenvolvidas com sensibilidade, respeito e conhecimento. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a importância da valorização da cultura afro-brasileira em todos os níveis de ensino, propondo uma abordagem transversal que dialogue com os temas contemporâneos da sociedade, especialmente a promoção da equidade racial e o reconhecimento da diversidade (Brasil, 2017).

Além disso, os projetos interdisciplinares baseados no Tambor de Crioula proporcionam experiências de aprendizagem significativas, pois rompem com a fragmentação dos conteúdos e promovem a construção coletiva do conhecimento. Conforme apontado por Oliveira (2022), a interdisciplinaridade, quando bem articulada, favorece o desenvolvimento do pensamento crítico e contribui para a

formação integral dos estudantes, promovendo o diálogo entre os saberes escolares e os saberes populares. Nesse sentido, o Tambor de Crioula se torna um potente articulador entre teoria e prática, entre o conhecimento formal e as vivências culturais do cotidiano.

É fundamental considerar que o uso do Tambor de Crioula nas práticas pedagógicas também pode ser uma ferramenta para enfrentar o racismo estrutural presente na sociedade e, muitas vezes, reproduzido no ambiente escolar. A visibilização das culturas negras e indígenas no currículo representa um passo significativo na construção de uma escola antirracista e decolonial. Como apontam Gomes e Silva (2020), a valorização dos saberes e práticas culturais afro-brasileiras constitui um caminho efetivo para o enfrentamento das desigualdades raciais historicamente enraizadas no sistema educacional brasileiro. Quando o Tambor de Crioula é reconhecido como patrimônio e conteúdo pedagógico, subverte-se a “lógica eurocêntrica e monocultural”¹ que predominou durante séculos na escola.

Ao analisar experiências de escolas maranhenses que incorporaram o Tambor de Crioula em seus projetos pedagógicos, observa-se uma transformação no ambiente escolar, marcada pelo fortalecimento das relações interpessoais, maior engajamento dos estudantes nas atividades e o resgate da autoestima, especialmente entre os alunos negros. Como descreve Santos (2022), em relatos de professores da rede pública de São Luís, a integração dessa manifestação cultural ao cotidiano da escola produziu efeitos positivos também na relação família-escola, uma vez que os pais se sentiram valorizados ao perceberem que os saberes ancestrais de seus antepassados estavam sendo trabalhados em sala de aula.

Outro impacto relevante é o incentivo à produção artística e intelectual dos estudantes. O contato com o Tambor de Crioula nas escolas tem estimulado a criação de poesias, composições musicais, dramatizações e outras formas de expressão ligadas à temática afro-brasileira. Segundo Ferreira (2021), tais iniciativas contribuem para a construção de uma consciência crítica acerca da diversidade cultural do Brasil e para o reconhecimento da riqueza das tradições afrodescendentes.

¹ HOFFMEISTER, Guilherme Pittaluga; DE CHELOTTI, J. D.; DE ARAUJO, Luiz Ernani Bonesso. **A monocultura da mente e o etnocídio na bacia do Xingu: pela defesa de uma ecologia de saberes**. Revista InterAção, v. 9, n. 1, p. 71-97, 2018.

A presença do Tambor de Crioula na escola também estimula o respeito à religiosidade de matriz africana, frequentemente alvo de discriminação. Considerando que essa manifestação cultural está historicamente vinculada a celebrações religiosas em homenagem a santos católicos sincretizados com orixás, sua abordagem pedagógica permite a discussão sobre sincretismo religioso, tolerância e liberdade de crença. Conforme Barbosa (2020), a escola desempenha papel importante na desconstrução de preconceitos, e práticas como o Tambor de Crioula contribuem para esse processo de forma didática e envolvente.

Outro ponto positivo observado nas experiências relatadas é o incentivo à pesquisa e ao protagonismo juvenil. Projetos escolares que envolvem o Tambor de Crioula têm levado estudantes a entrevistar mestres da cultura popular, visitar comunidades tradicionais e organizar apresentações para a comunidade escolar. Essa vivência estimula o espírito investigativo e reforça o papel do aluno como sujeito ativo no processo de construção do conhecimento. Como destaca Andrade (2019), práticas educativas baseadas no reconhecimento das culturas locais favorecem o desenvolvimento da autonomia intelectual e do senso de pertencimento dos educandos.

Em diversas escolas de comunidades quilombolas maranhenses, o Tambor de Crioula é utilizado como ponto de partida para discutir temas como escravidão, resistência, memória e identidade. Essas experiências revelam o quanto a cultura pode ser mobilizada como ferramenta de resistência e reinterpretação histórica. Tais práticas permitem que os estudantes se reconheçam como herdeiros de uma história de luta e resistência, desconstruindo estigmas negativos atribuídos às populações negras.

4.4 Vivências Práticas e Interdisciplinares com o Tambor de Crioula: Impactos e Conexões no Espaço Escolar

A vivência com os alunos da UEB Major José Augusto Mochel, durante a execução do projeto "Rodas que Contam Histórias: Educação Patrimonial com o Tambor de Crioula", proporcionou uma experiência rica e transformadora tanto para os estudantes quanto para os educadores envolvidos. Desde o início, foi perceptível o envolvimento crescente dos alunos com as temáticas abordadas, especialmente ao perceberem que o conteúdo apresentado fazia parte da sua própria história, da cultura de seu território e das raízes que, muitas vezes, são invisibilizadas no

currículo escolar tradicional. O projeto foi cuidadosamente pensado para unir teoria e prática, e essa combinação foi essencial para o sucesso da proposta. As atividades foram planejadas para ocorrer de forma dinâmica e interdisciplinar, permitindo que o Tambor de Crioula fosse explorado não apenas como um conteúdo de História, mas como uma manifestação viva que atravessa a Arte, a Literatura, a Educação Física e a formação cidadã.

Uma das etapas mais significativas do projeto foi a aula-visita ao Centro Histórico de São Luís e à Casa do Tambor de Crioula, onde os alunos puderam vivenciar na prática o que até então conheciam apenas de forma teórica. Caminhar pelas ruas de pedra do Centro Histórico, observar a arquitetura colonial e visitar os espaços de preservação cultural provocou nos estudantes um sentimento de pertencimento e curiosidade. Na Casa do Tambor de Crioula, a experiência foi ainda mais intensa e imersiva. Os alunos tiveram contato direto com os instrumentos originais, ouviram as histórias contadas pelos mestres da cultura e, principalmente, participaram de uma roda de tambor, sentindo no próprio corpo as vibrações e os movimentos da dança.

Figura 1. Imagem dos alunos visitando o museu do Tambor de Crioula.





Fonte: Autor, 2025.

Este momento foi um divisor de águas na vivência dos alunos, pois a prática corporal despertou neles uma nova compreensão sobre o significado dessa manifestação cultural. O conhecimento ganhou vida e ritmo, saindo da abstração dos livros para se materializar em experiências sensoriais e afetivas.

A interdisciplinaridade esteve presente em todas as etapas do projeto, proporcionando conexões ricas e profundas entre os componentes curriculares. Nas aulas de História, os alunos estudaram o contexto social e histórico da cultura afro-brasileira, compreendendo o Tambor de Crioula como símbolo de resistência e identidade. Nas aulas de Língua Portuguesa, produziram textos dissertativos, desenhos, redações e narrativas inspiradas no livro "Luísa na roda do tambor e as peças de um quebra-cabeça", o que permitiu desenvolver habilidades de leitura, interpretação e produção textual a partir de um olhar crítico sobre a própria cultura.

Nas aulas de Artes, criaram mini-tambores e ilustrações que retrataram as rodas de tambor, os figurinos e os elementos simbólicos da tradição, promovendo a expressão criativa e visual. Já na Educação Física, o Tambor de Crioula foi vivenciado na prática, com a reprodução dos passos básicos da dança, proporcionando aos alunos a valorização da corporeidade e da cultura de matriz africana como formas legítimas de conhecimento.

Ao longo de todo o processo, foi visível o efeito transformador do produto na postura e no engajamento dos estudantes. Alunos que anteriormente apresentavam resistência ou desinteresse pelas aulas de História passaram a participar ativamente das atividades, demonstrando entusiasmo ao perceberem que a cultura que muitas vezes é marginalizada ganhava espaço de protagonismo dentro da escola.

Figura 2. Desenhos dos alunos após leitura do livro *Luísa na roda do tambor e as peças de um quebra-cabeça*.



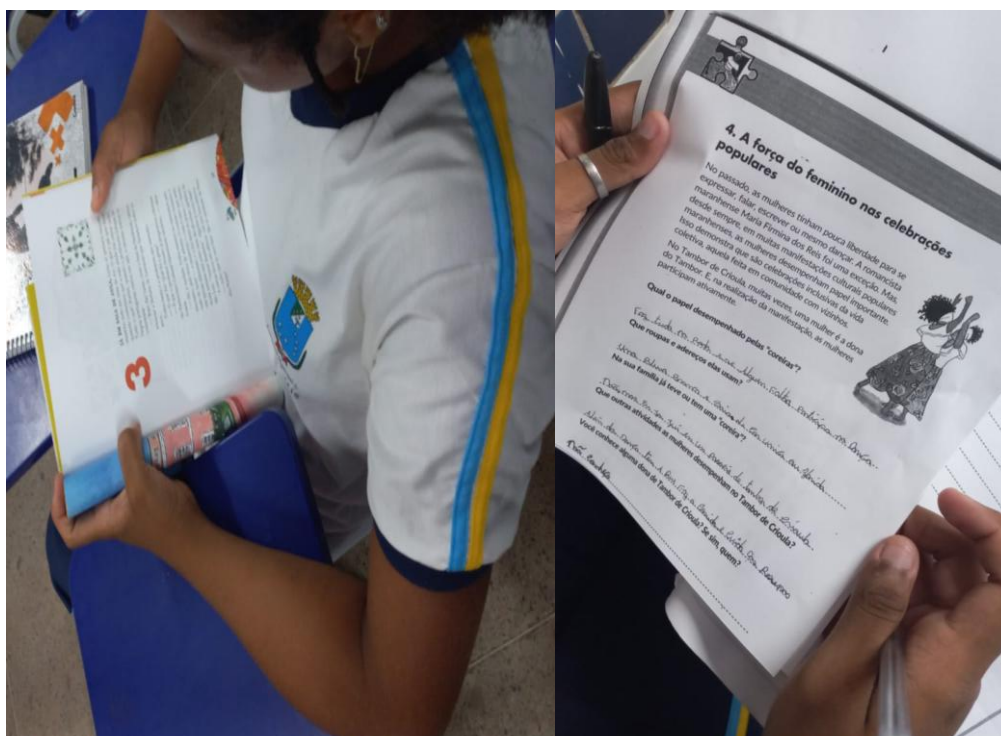
Fonte: Autor, 2025.

Figura 3. Alunos confeccionando mini-tambores.



Fonte: Autor, 2025.

Figura 4. Alunos praticando a leitura do material sobre o tambor de crioula.



Fonte: Autor, 2025.

O projeto também contribuiu significativamente para o fortalecimento da autoestima dos alunos negros, que passaram a reconhecer o Tambor de Crioula como herança de luta e beleza, e não apenas como um folclore descontextualizado. Este impacto foi confirmado em depoimentos espontâneos dos próprios estudantes, que verbalizaram a importância de conhecer e valorizar as tradições dos seus antepassados.

O projeto "Rodas que Contam Histórias" se consolidou como uma prática pedagógica que ultrapassou os muros da escola, pois promoveu uma verdadeira integração entre os saberes acadêmicos e os saberes populares, entre a teoria e a prática, entre a sala de aula e o território cultural maranhense. A interdisciplinaridade foi vivenciada de forma orgânica, mostrando aos alunos que o conhecimento não está fragmentado, mas sim interligado em uma rede que compõe suas vivências, histórias e identidades. O produto, portanto, cumpriu seu papel ao oferecer uma experiência educativa sensível, transformadora e capaz de provocar reflexões profundas sobre pertencimento, diversidade e patrimônio cultural. O Tambor de Crioula deixou de ser apenas conteúdo para se tornar memória viva,

pulsando na prática, na dança, na escrita e no coração de cada estudante que participou dessa jornada.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a integração do Tambor de Crioula no contexto da Educação Patrimonial voltada ao Ensino Fundamental II, buscando compreender em que medida essa manifestação cultural pode ser inserida no ambiente escolar como estratégia de ensino, fortalecimento identitário e valorização d.o patrimônio imaterial. Ao longo do trabalho, foi possível constatar que, embora o Tambor de Crioula esteja presente no imaginário cultural da cidade de São Luís, sua abordagem nas escolas ainda ocorre de forma fragmentada, esporádica ou distanciada de suas raízes simbólicas, comunitárias e espirituais.

A investigação revelou que a educação patrimonial, quando desenvolvida a partir de metodologias participativas, interdisciplinares e contextualizadas, pode potencializar significativamente o ensino de história e contribuir para o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica. Nesse sentido, o Tambor de Crioula mostrou-se uma ferramenta potente para o diálogo entre passado e presente, tradição e atualidade, vivência e reflexão. A valorização das memórias, saberes e fazeres presentes nas manifestações afro-brasileiras promove não apenas o reconhecimento das identidades culturais locais, mas também a superação de silenciamentos históricos impostos às populações negras no Brasil.

As oficinas pedagógicas realizadas na escola UEB Major Joaquim Augusto Mochel demonstraram a eficácia de abordagens que envolvem os alunos de forma ativa, criativa e afetiva. A utilização do livro *Luísa na Roda do Tambor e as Peças de um Quebra-Cabeça* como mediador das atividades permitiu a construção de um processo de aprendizagem que uniu leitura, interpretação, produção artística e experimentação. Observou-se um notável engajamento dos estudantes, que passaram a compreender o Tambor de Crioula não apenas como dança ou espetáculo, mas como expressão histórica, ancestral e espiritual.

Esse resultado evidencia que a inserção do Tambor de Crioula no ensino de história não deve se restringir a datas comemorativas ou a representações folclóricas. Pelo contrário, é necessário que o currículo escolar reconheça essa manifestação como patrimônio cultural vivo, cuja abordagem requer aprofundamento, respeito e criticidade. Ao fazer isso, o espaço escolar se torna um

importante aliado na preservação da diversidade cultural e na formação de sujeitos conscientes de sua história e de seus direitos.

A construção do Guia Pedagógico como produto educacional desta pesquisa constitui uma contribuição prática e concreta para os professores da rede pública de ensino. O material oferece subsídios metodológicos e sugestões de atividades que possibilitam a aplicação da educação patrimonial de forma sensível, integrada ao currículo e alinhada à realidade dos estudantes. O guia visa, acima de tudo, promover a escuta ativa, o reconhecimento dos saberes tradicionais e a valorização do território cultural em que a escola está inserida.

Ao refletir sobre o processo de patrimonialização e suas consequências, foi possível perceber que o reconhecimento institucional do Tambor de Crioula, embora importante, não garante sua preservação autêntica e comunitária. É justamente nesse ponto que a escola pode desempenhar um papel fundamental: o de resgatar os sentidos mais profundos da manifestação, de promover a memória oral e de estimular o respeito pela herança cultural afro-brasileira. A mediação pedagógica possibilita, assim, que os jovens compreendam os contextos históricos de resistência e reconstruam sua identidade a partir de vínculos culturais significativos.

A experiência também trouxe à tona discussões importantes sobre as interações entre cultura, religiosidade e educação. O Tambor de Crioula, por sua natureza ritualística, convoca à reflexão sobre os limites e possibilidades da laicidade no ambiente escolar, exigindo sensibilidade e preparo por parte dos educadores. Ao incluir manifestações como essa no currículo, amplia-se o repertório cultural dos alunos e cria-se um espaço de respeito às diferentes expressões de fé, de corporeidade e de espiritualidade presentes nas tradições afrodescendentes.

Em termos acadêmicos, esta pesquisa contribui com a literatura sobre educação patrimonial e ensino de história, ao propor uma abordagem situada e crítica, ancorada na vivência escolar e na realidade sociocultural maranhense. Ressalta-se, ainda, a relevância de estudos que articulem patrimônio, currículo, identidade e território, como forma de combater a homogeneização dos conteúdos escolares e a invisibilização das contribuições negras na formação do Brasil. O Tambor de Crioula, ao entrar na escola, não apenas educa: ele transforma, reconecta e fortalece.

Diante de tudo que foi construído, compreende-se que o ensino de história precisa ser mais do que um repasse de conteúdos. Ele deve ser um convite ao reconhecimento da ancestralidade, à escuta das vozes populares e à valorização da cultura como prática viva. O Tambor de Crioula, nesse sentido, não é apenas tema: é caminho. É ferramenta e testemunho, é herança e possibilidade de futuro. Que ecoe, portanto, não apenas nas rodas e nos terreiros, mas também nas salas de aula, como expressão legítima da nossa memória coletiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. C. **A educação patrimonial como ferramenta de inclusão social: um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Maranhão, 2019.

ANDRADE, José Airton. Educação patrimonial e cultura afro-brasileira: reflexões e experiências na escola pública. **Revista Cadernos Culturais**, São Luís, v. 12, n. 2, p. 59-78, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufma.br/index.php/ccult>. Acesso em: 12 abr. 2025.

ARAÚJO, J.; CUNHA, L. A importância da educação patrimonial na construção da identidade cultural. **Revista de Educação e Cultura**, v. 15, n. 2, p. 12-39, 2021.

BARBOSA, Débora Gonçalves. **Jogos pedagógicos e patrimônio cultural local: uma prática inovadora para o ensino fundamental**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/48984/6/TCC%20-%20D%c3%a9bora%20Gon%c3%a7alves%20Barbosa.pdf>. Acesso em: 13 out. 2024.

BARBOSA, Maria do Carmo. Religiões afro-brasileiras e educação: práticas de tolerância e respeito nas escolas públicas. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 25, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu>. Acesso em: 12 abr. 2025.

BARDIN. L. **Análise de Conteúdo** (Edição Revista e Atualizada), de Laurence Bardin, Edições 70. Brasil, 2020.

BATISTA, P. A. **Educação patrimonial e inclusão de memórias: caminhos para uma história plural**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Passo Fundo, 2024. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/bitstream/riupf/2712/1/PF2024PaolaBatistel.pdf>. Acesso em: 13 out. 2024.

BERGER, Eliane Terezinha dos Santos et al. **Educação ambiental como patrimônio: vivências e práticas transformadoras em comunidades da Quarta Colônia-RS**. 2023.

BEZERRA, Jorge Luís de Medeiros. **Educação Patrimonial: Novas Perspectivas**

para o Ensino de História. UFT. 2016. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Araguaína. RESEARCH

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamento e métodos.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BOAS, A. A. **A cultura afro-brasileira no Maranhão: resistência e identidade.** 2024. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/8171>. Acesso em: 14 mar. 2025.

BOTÃO, L. P. **Tradições afro-brasileiras e sua preservação cultural: um estudo sobre o Tambor de Crioula.** 2019. Disponível em: <https://monografias.ufop.br/handle/35400000/2005>. Acesso em: 14 mar. 2025.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

BRITO, Nelsinho. **Arraial de Santo Antônio é resistência cultural.** Agência Tambor, São Luís, 3 jul. 2020. Disponível em: <https://agenciatambor.net.br/geral/arraial-de-santo-antonio-e-resistencia-cultural/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

BRITO, Nelsinho. **Patrimônio, Cultura e Resistência: o Tambor de Crioula e os desafios da salvaguarda.** São Luís: Laborarte, 2019.

CAMPOS, S. B. **Educação Patrimonial em São Luís do Maranhão sob a percepção de pesquisadores de instituições de ensino formal e gestores de instituições de preservação.** Universidade Estadual Paulista (UNESP) – câmpus de Assis Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP). 2020.

CARNEIRO, Douglas de Castro. **Os laços familiares na aula de Nero: Uma leitura dos Neronis de Suetônio.** In: Anais do fórum goiano de pós-graduação em história & XII Seminário de Pesquisa UFG/PUC-GO, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/40652966>. Acesso em: 16 out. 2024.

CARVALHO, Aline Vieira. **Educação patrimonial, História pública e ensino: análise e possibilidades para a História.** Fronteiras, v. 21, n. 38, p. 55-70, 2019.

CASCARADO, M.; MOURÃO, L. **Patrimônio imaterial afrodescendente: o tambor de crioula como espaço de resistência.** Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/93453313/55513-190626-1-PB-libre.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2025.

CONRADO, Déborah Monnise; NUNES, Jefferson Veras. Preservação cultural de Fortaleza-CE: uma análise sobre educação patrimonial. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 18, n. 2, p. 1-19, 2022.

COSTA, Alex Silva; CAMÊLO, Júlia Constança Pereira. **Sob a batuta do Mestre: o**

Tambor de Crioula de São Vicente Férrer (1980-2008). In: VI Simpósio Nacional de História Cultural. Teresina: UFPI, 2012. Disponível em: <https://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Alex%20Silva%20Costa%20%26%20Julia%20Constancia%20Pereira%20Camelo.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2025.

COSTA, Hérica Mendes. **Tambor de Crioula como ferramenta pedagógica nas aulas de artes da Educação Básica.** São Luís: Universidade Federal do Maranhão – UFMA, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufma.br/index.php/rd/article/view/21634>. Acesso em: 10 abr. 2025.

COSTA, L. S. (2023). **O Tambor de Crioula na Educação Patrimonial: Uma Abordagem Pedagógica.** Universidade Federal do Maranhão. Disponível em: <http://tedebc.ufma.br:8080/jspui/handle/tede/4953>. Acesso em: 14 mar. 2025.

COSTA, Mariana. **O tambor de crioula como recurso pedagógico nas aulas de artes visuais: uma experiência na educação básica.** Anais do Congresso Nacional de Pesquisa em Educação, v. 8, p. 1-10, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/126489>. Acesso em: 12 abr. 2025.

COSTA, Zayda Cristina Rocha. **Ê coreira! tambor de crioula na sala de aula.** 2023. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/4953>. Acesso em: 14 mar. 2025.

COUTO, Beatriz; MISSAU, Lucas Durr. **Memória e ditadura no Brasil: o documentário como testemunho contra o esquecimento.** Esferas, n. 26, p. 66-79, 2023.

DASSIE, L. M. **O Tambor de Crioula: uma análise sobre sua preservação e desafios na sociedade contemporânea.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/7561>. Acesso em: 14 mar. 2025.

DE SOUSA TEIXEIRA, L. **O Tambor de Crioula como patrimônio imaterial: desafios e perspectivas para a preservação da cultura afro-maranhense.** Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 9, p. 71592-71608, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/16266>. Acesso em: 14 mar. 2025.

DEMARCHI, João Lorandi. O que é, afinal, a educação patrimonial? Uma análise do guia básico de educação patrimonial. **Revista CPC**, v. 13, n. 25, 2018. Disponível em: <https://openurl.ebsco.com/EPDB%3Agcd%3A1%3A5520129/detailv2?sid=ebsco%3Aplink%3Ascholar&id=ebsco%3Agcd%3A133495194&crl=c>. Acesso em 16 de out de 2024.

DIAS, Diogo Araújo Teixeira de Vasconcelos. **Desvendando as raízes: Uma jornada pelo patrimônio e história na educação.** 2023. Tese de Doutorado. Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Educação.

DICK, M. V. P. A. **Motivação Toponímica e a realidade brasileira.** São Paulo:

Arquivo do Estado, 1990.

DINIZ, G. V. **Educação Patrimonial e Ensino de História: experiências com plataformas digitais envolvendo o Centro Histórico de São Luís**. São Luís 2022.

DOS SANTOS PACHECO, Conceição de Maria. Tambor de crioula do Maranhão. **Revista Científica Ciência em Curso**, v. 3, n. 1, p. 69-74, 2014.

DUALIBE, N. N. **Patrimônio e questões subalternas**: narrativas sobre o centro histórico de São Luís do Maranhão. **FRAGMENTOS DE CULTURA**, Goiânia, v. 22, n. 3, p. 241-250, jul./set. 2012.

FEITOSA, Sonia Couto Souza. **Método Paulo Freire: Princípios e práticas de uma concepção popular de educação**. (Dissertação em Filosofia da Educação), USP: São Paulo, 1999.

FERREIRA, Daniela. Cultura afro-brasileira na escola: práticas pedagógicas e valorização identitária. **Revista Educação em Foco**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 134-150, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufmg.br/index.php/ref>. Acesso em: 12 abr. 2025.

FERRETTI, Sergio Figueiredo. Cultura Popular e Patrimônio Imaterial: o contexto do tambor de crioula do Maranhão. **Revista de Políticas Públicas**, v. 14, 2012.

FERRETTI, Sergio Figueiredo. Cultura popular e patrimônio imaterial: o contexto do Tambor de Crioula do Maranhão. **Revista de Políticas Públicas**, v. 14, p. 165-172, 2012. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/artic le/view/398>. Acesso em: 2 jul. 2025.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2009.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & ensino de história**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2006.

FREIRE, A. M. A. (Org.). **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Editora UNESP, [1996] 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNARI, P. P. A.; FUNARI, R. D. S. **Educação patrimonial: teoria e prática**. In: SOARES; RAMOS, A. L.; KLAMT, S. C. (Coord.). **Educação patrimonial: teoria e prática**. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2008, p. 11-21.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores: reflexões sobre a Lei 10.639/03. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 25-44, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/ts5VpgqMmbKJP8R5KNxwFXXF>. Acesso em: 10 abr. 2025.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação para a igualdade racial: desafios e possibilidades. **Revista Perspectivas da Educação**, Brasília, v. 18, p. 77-93, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/perspectivas>. Acesso em: 12 abr. 2025.

GUEDES, M. C. **A dança do tambor de crioula no Maranhão: performance, corporeidade e identidade cultural**. 2016. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/1806>. Acesso em: 14 mar. 2025.

GUIMARÃES, Eliane; SANTOS, José. **Tambor de Crioula como instrumento pedagógico nas escolas de São Luís: resistências, ancestralidades e formação identitária**. Anais do Congresso de Educação e Diversidade, São Luís, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/113108>. Acesso em: 12 abr. 2025.

HORTA, Maria de Lourdes; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 2006.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação**. Brasília: IPHAN, 2016. 134 p. ISBN: 978-85-7334-281-9.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **O Tambor de Crioula no Maranhão: Memória e Patrimônio Cultural Imaterial**. Brasília: IPHAN, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ma_ps_tambor_de_crioula.pdf. Acesso em: 10 abr. 2025.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê de Registro do Tambor de Crioula do Maranhão como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília: IPHAN, 2007. Disponível em: https://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/dossie_tambor_crioula.pdf. Acesso em: 2 jul. 2025.

LACROIX, M. L. L. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**. 3. ed. São Luís: Editora UEMA, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

LIMA, João. **Educação e Patrimônio: A Importância das Oficinas de Restauração nas Escolas**. São Paulo: Editora Cultural, 2019.

LIMA, R. de; SOUZA, P. A. A valorização do patrimônio cultural local em práticas pedagógicas inovadoras. **Revista Labirinto**, v. 12, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/4964/3230>. Acesso em: 13 out. 2024.

LIMA, Rebeca. Educação patrimonial como prática decolonial na formação docente. **Revista Práxis Educativa**, Curitiba, v. 17, n. 2, p. 23-45, 2022. Disponível em:

<https://revistas.unicentro.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 12 abr. 2025.

LIMA, Zelinda Machado de Castro. **Acervo Tambores do Maranhão - Depoimento Zelinda Lima**. 2024. 1 vídeo (30 min. 23 s). Publicado por Centro Cultural Vale Maranhão, 26 fev. 2024. Disponível em: <https://youtu.be/6MOZLzILHfw?si=ZXNNL9kWVbF-9odq>. Acesso em: 28 set. 2024.

LOBO, A. M.; CABRAL, C. P. **Tradição e modernidade no Tambor de Crioula: aspectos da resistência cultural afro-brasileira**. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/233150114.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. MONTEIRO, Katani Maria Nascimento. Patrimônio, identidade e cidadania: reflexões sobre Educação Patrimonial. IN: **Ensino de história: desafios contemporâneos**. (Org.) Véra Lucia Maciel Barroso. [Et al.]. – Porto Alegre, RS, Exclamação: ANPUH/RS, 2010.

MAGALHÃES, Maristela Rocha Almeida. Patrimônio Imaterial: o tambor de crioula. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 12, n. 1, p. 373-380, 2014.

MAGALHÃES, R. P. Tambor de Crioula: patrimônio imaterial e resistência cultural no Maranhão. **Revista Unincor**, v. 17, n. 2, p. 5-25, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/1331>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MALVERDES, C. Z. **O Ensino de História e Educação Patrimonial Na Educação Básica: Desafios e Possibilidades**. Editora Unijuí • ISSN 2179-1309 • Ano 36 • nº 115 • Set./Dez. 2021.

MANHÃES, A. **A punça do tambor de crioula no Maranhão: espaço de memória, ritual e espetáculo**. 2012. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/A-punga-do-tambor-de-crioula-no-Maranh%C2%8Bo-e-spac%C3%8C%C2%A7o-de-memo%C3%83%C3%85ria-ritual-e-espet%C3%83%C3%85culo.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MANHÃES, Marina. **Tambor de Crioula: dimensões rituais e simbolismo afro-religioso**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARQUES, Vanessa Maria. **Festejo de santo e preservação: entre projetos e práticas culturais**. São Luís, 2021. 72 f. Monografia (Graduação em História) - Universidade Estadual do Maranhão, 2021.

MARTINS, Cleverson da Silva. **Patrimônio cultural e educação patrimonial: desafios e perspectivas**. 2019. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/95071662/Cleverson_da_Silva_Martins_Prof_Historia_UFT-libre.pdf. Acesso em: 16 out. 2024.

MARTINS, Estevão de Resende. SCHMIDT, Maria Auxiliadora (org.). **Jorn Rusen:**

contribuições para uma teoria da didática da história. Curitiba: W.A. Editores Ltda., 2016.

MEIRELES, Mário M. **História do Maranhão.** São Paulo: Siciliano, 2001.

MENEZES, Ulpiano T. Parecer sobre a proposta de inclusão do tambor de crioula no registro do patrimônio imaterial brasileiro pelo IPHAN. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 4, n. 7, 2012.

MONTTELES, M. **Cultura e resistência: o Tambor de Crioula e a luta pela preservação das tradições afro-brasileiras.** 2017. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/CulturaVisual_L1_050.pdf. Acesso em: 14 mar. 2025.

MORAIS, Cleuma Alexsandra Sousa. **TAMBOR DE CRIOULA E A ESCOLA: PENSAMENTOS E POSSIBILIDADES.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

OLIVEIRA, Ana. **Tecnologia e Educação Patrimonial: Inovações no Ensino.** Curitiba: Editora Ponto, 2019.

OLIVEIRA, Maria das Dores Souza. Interdisciplinaridade no currículo escolar: uma análise das práticas pedagógicas no Ensino Fundamental. **Revista de Educação, Cultura e Sociedade**, v. 12, n. 2, p. 50-68, 2022. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/educasociedade/article/view/13578>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PELANDRÉ, Nilcea Lemos. **Efeitos a longo prazo do método de alfabetização Paulo Freire.** Florianópolis, 1998. Vol. I e II p. 26-52 Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Curso de Pós- Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.

PIRES, Cássia. “O Tambor de Criola do Maranhão: performance e jogo”. **Revista Rascunhos**, v. 4, n. 3, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/34771>. Acesso em: 1 jul. 2025.

ROCHA, Mariana. **Conservação e Restauração: Desafios e Perspectivas na Educação Básica.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

RODRIGUES, Antônia Angelina. **Tambor de crioula: um resgate histórico e suas contribuições sócio-culturais ao povo maranhense.** 2012. Monografia (Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2012. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/handle/123456789/3058>. Acesso em: 02 jul. 2025.

ROSSETTO, Rossetto Silva. **A educação patrimonial como caminho para o conhecimento da história de Boa Vista do Sul.** 2019.

SÁ, A. (2019). **A Educação Patrimonial e o Tambor de Crioula: Práticas de Ensino e Aprendizagem.** Universidade de Lisboa. Disponível em: <https://bdigital.ipg.pt/dspace/handle/10314/4776>. Acesso em: 14 mar. 2025.

SANTOS, Denise Almeida dos. Educação e cultura: caminhos de valorização da identidade negra na escola. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 16, n. 43, p. 241-259, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecc/article/view/39683>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SANTOS, Hercules Pimenta dos. **Roteiro para Elaboração de Projetos de Ação/Intervenção V. 2.0**. Academia.Edu, 2020. Disponível em https://www.academia.edu/4277732/roteiro_para_elabora%C3%87%C3%83o_de_projetos_de_a%C3%87%C3%83o_interven%C3%87%C3%83o_v_2_0. Acesso em 29 set. 24.

SANTOS, Hercules Pimenta. **Quero entrar para um mestrado em uma universidade pública: dicas e orientações sobre seus processos e a elaboração de projetos de pesquisa, ação ou intervenção**. 2019. Disponível em https://www.academia.edu/35124450/quero_entrar_para_um_mestrado_em_uma_universidade_p%C3%9ablica_dicas_e_orienta%C3%87%C3%95es_sobre_seus_processos_e_a_elabora%C3%87%C3%83o_de_projetos_de_pesquisa_a%C3%87%C3%83o_ou_interven%C3%87%C3%83o. Acesso em 29 set. 24.

SANTOS, L. F. **A construção de identidades através da educação patrimonial**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Maranhão, 2020. Disponível em: <https://tede2.ufma.br/jspui/handle/tede/5427#preview-link0>. Acesso em: 13 out. 2024.

SANTOS, Luiz Eduardo Neves dos. Toponímia, poder e identidade: uma abordagem acerca dos logradouros centrais em São Luís, Maranhão. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 171-195, 2016.

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Dayanne et al. **Tambor de Crioula: herança, comunicação e resistência no território quilombola Santa Rosa dos Pretos**. Pensata, v. 10, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/pensata/article/view/12103>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SILVA, Lúcia. **Tambor de Crioula: uma herança ancestral nas escolas de São Luís**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017. Disponível em: <https://tede2c.ufma.br/jspui/handle/tede/2573>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SILVA, Luiz Carlos Rodrigues da. **Educação Patrimonial: Práticas e Desafios no Ensino Contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Tocantins, 2020. Disponível em: <https://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/2924/1/Luiz%20Carlos%20Rodrigues%20da%20Silva%20-%20Dissertação.pdf>. Acesso em 16 de out de 2024.

SILVA, Marcos Paulo Sousa da. **Projetos de educação patrimonial do concurso Pró-cultura no Rio Grande do Sul em 2019: continuidades e rupturas**. 2021. LUME

SILVA, Marcos Tadeu Nascimento da. **Educação patrimonial: Arqueologia no ensino da História Antiga de Upaon Açú (São Luís–MA)**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/handle/123456789/1588>. Acesso em 16 de out de 2024.

SILVA, Pedro. **O Patrimônio como Ferramenta de Educação Cidadã**. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2018.

SILVA, T.; LIMA, R. **Educação patrimonial: construindo memórias e identidades**. Diálogos em Educação, v. 18, n. 1, p. 19-75, 2020.

SITOE, Tirso et al. **Reinventar o discurso e o palco: o rap, entre saberes locais e saberes globais**. 2019.

SOARES, L. B. O Tambor de Crioula e a performance da identidade cultural no Maranhão. **Revista Aspas**, v. 7, n. 2, p. 146-162, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/131924>. Acesso em: 14 mar. 2025.

SOUZA PEDROSO, Júlia; SILVA, Kauana Soares; SANTOS, Laiza Padilha. Pesquisa descritiva e pesquisa prescritiva. **JICEX**, v. 9, n. 9, 2017.

SOUZA, Carla. **Práticas de Conservação e o Ensino de História nas Escolas**. Curitiba: Editora Federal, 2020.

SOUZA, M. C. **O Tambor de Crioula no Maranhão: resistência cultural e identidade afro-brasileira**. 2024. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/8426>. Acesso em: 14 mar. 2025.

VASCONCELOS, J. P. et al. Cultura e oralidade: a preservação das narrativas no Tambor de Crioula. **Manzuá: Revista de Pesquisa em Artes Cênicas**, v. 5, n. 2, p. 55-70, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/manzua/article/view/37812>. Acesso em: 14 mar. 2025.

VIANA, Claudiane Mendes. Dançar o corpo negro na escola: corporeidades negras na escola pública maranhense. **Revista UFG**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 175-187, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/vet/article/view/15183>. Acesso em: 10 abr. 2025.

VIERA FILHO, Domingos. Breve histórias das ruas e praças de São Luís. 2 ed. Maranhão. **Revista e aumentada**, 1971.

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins; SCHOSSLER, Joana Carolina; CARVALHO, Aline Vieira. Educação patrimonial, História pública e ensino: análise e possibilidades para a História. **Fronteiras**, v. 21, n. 38, p. 55-70, 2019.

Luciano
Sendreori

PRODUTO EDUCACIONAL

RODAS QUE CONTAM HISTÓRIAS: Educação Patrimonial com o Tambor de Crioula.

Poivy Bemateene

APRESENTAÇÃO

Este guia pedagógico foi construído com o objetivo de servir como instrumento didático e formativo para professores interessados em trabalhar a educação patrimonial a partir do Tambor de Crioula, manifestação cultural maranhense reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Inspirado na obra literária *Luísa na roda do tambor e as peças de um quebra-cabeça*, de Luciana Sandroni (2010), o projeto propõe atividades interdisciplinares que aproximam os alunos de sua identidade cultural, promovendo reflexões sobre ancestralidade, resistência e pertencimento.

Este material foi aplicado na escola pública municipal UEB Major José Augusto Mochel, do município de São Luís – MA, proporcionando aos alunos vivências significativas com o Tambor de Crioula, tanto no espaço escolar quanto em visitas externas, reafirmando a importância da educação patrimonial no contexto local.

A proposta se estrutura em aulas sequenciadas, com sugestões práticas e acessíveis, que podem ser adaptadas à realidade de diferentes escolas. A ideia é que o professor possa conduzir o processo de ensino-aprendizagem em consonância com os documentos curriculares nacionais e com os saberes locais, contribuindo para a formação de sujeitos históricos críticos, atuantes e conscientes de seu lugar no mundo.

CONEXÃO COM A BNCC

Componente	Habilidade BNCC	Evidências no Guia
História (EF04HI08, EF05HI08)	Identificar formas de resistência de grupos afro-descendentes; compreender patrimônio.	Aulas 1, 2, 6
Língua Portuguesa (EF15LP05, EF03LP24)	Ler e discutir textos multissemióticos; produzir diário de bordo e redações reflexivas.	Aulas 1, 5
Arte (EF15AR06, EF15AR07)	Experimentar processos de criação visual e sonora; valorizar manifestações artísticas locais.	Aulas 3, 4, 7
Educação Física (EF15EF12)	Vivenciar danças tradicionais, reconhecendo dimensões culturais.	Aulas 6, 8
*Demais competências gerais: 1 (Conhecimento), 3 (Repertório Cultural), 5 (Responsabilidade e Cidadania), 10 (Cultura Digital).		

ROTEIRO DE AULAS

AULA 1 – Apresentação do projeto e leitura compartilhada

Objetivo: **Introduzir o tema e sensibilizar os alunos sobre o Tambor de Crioula e sua importância como patrimônio cultural.**

Conteúdos: **História oral, cultura afro-brasileira, identidade cultural.**

Sugestão de uso: **Roda de conversa inicial + leitura de trechos do livro.**

Interdisciplinaridade: **História + Língua Portuguesa.**

Atividades desenvolvidas:

- **Leitura coletiva do livro *Luísa na roda do tambor...***
- **Roda de conversa sobre manifestações culturais maranhenses.**
- **Debate orientado: “O que é cultura afro-brasileira?”**
- **Registro em diário de bordo dos alunos: o que aprenderam e o que gostariam de descobrir**

Questionário aplicado na Aula 1

1. O que você já sabia sobre o Tambor de Crioula antes desta aula?
() Nada
() Um pouco
() Bastante
2. Após a leitura coletiva do livro *Luísa na roda do tambor...*, o que mais chamou sua atenção na história?
3. Para você, o que significa a palavra cultura?
4. O Tambor de Crioula foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. O que você acha que isso significa?
5. Quais manifestações culturais do Maranhão você já conhece ou já participou?
(pode marcar mais de uma)
[] Tambor de Crioula
[] Bumba-meu-boi
[] Festa do Divino
[] Outras: _____
6. Na roda de conversa discutimos a pergunta: “O que é cultura afro-brasileira?”. Escreva com suas palavras como você entendeu essa expressão.
7. Você acha importante aprender sobre a cultura afro-brasileira na escola?
() Sim
() Não
Justifique sua resposta: _____

8. O que você aprendeu hoje sobre o Tambor de Crioula que não sabia antes?
9. Se você pudesse escolher, o que gostaria de descobrir mais sobre o Tambor de Crioula nas próximas aulas?
10. Como você acha que conhecer a história e a cultura do Tambor de Crioula pode ajudar na valorização da identidade cultural do Maranhão?

AULA 2 – Conceitos de Patrimônio Cultural

Objetivo: **Apresentar e discutir os conceitos de patrimônio material e imaterial.**

Conteúdos: **Patrimônio histórico-cultural, memória coletiva.**

Sugestão de uso: **Atividade expositiva + construção de cartazes.**

Interdisciplinaridade: **História + Geografia + Ensino Religioso.**

Atividades desenvolvidas:

- **Exposição dialogada com apoio de slides ou cartazes.**
- **Comparação entre diferentes patrimônios culturais do Maranhão.**
- **Elaboração coletiva de um mural com exemplos locais de patrimônio.**
- **Reflexão escrita: “O que da minha cultura considero um patrimônio?”**

AULA 3 – Oficina de construção de mini-tambores

Objetivo: **Desenvolver habilidades manuais e associar o fazer artístico à preservação cultural.**

Conteúdos: **Cultura material, artesanato tradicional.**

Sugestão de uso: **Aula prática.**

Interdisciplinaridade: **História + Artes.**

Atividades desenvolvidas:

- **Explicação breve sobre os tipos de tambores utilizados no Tambor de Crioula.**
- **Confecção de mini-tambores com materiais recicláveis.**
- **Pintura e personalização dos instrumentos com elementos maranhenses.**
- **Apresentação dos tambores pelos grupos.**

Exemplo das atividades desenvolvidas:



AULA 4 – Oficina de desenho e expressão artística

Objetivo: **Permitir a representação gráfica dos conhecimentos adquiridos.**

Conteúdos: **Simbolismo, arte popular, memória visual.**

Sugestão de uso: **Produção artística individual.**

Interdisciplinaridade: **História + Artes.**

Atividades desenvolvidas:

- **Apresentação de imagens de rodas de Tambor de Crioula.**
- **Criação de desenhos livres ou em HQ sobre as coreiras, tambores, danças e toadas.**
- **Montagem de exposição com os trabalhos na escola.**

AULA 5 – Simulado e redação reflexiva

Objetivo: **Avaliar os conteúdos assimilados de forma escrita e crítica.**

Conteúdos: **Conceitos de identidade, memória, resistência cultural.**

Sugestão de uso: **Avaliação diagnóstica.**

Interdisciplinaridade: **História + Língua Portuguesa.**

Atividades desenvolvidas:

- **Aplicação de simulado com questões objetivas e dissertativas.**

- **Produção de redação com o tema: “O que aprendi com o Tambor de Crioula?”**
- **Compartilhamento oral das redações mais significativas.**

AULA 6 – Aula-visita ao Museu do Tambor de Crioula

Objetivo: **Vivenciar o patrimônio em seu contexto real.**

Conteúdos: **Patrimônio imaterial, museologia social.**

Sugestão de uso: **Visita técnica orientada.**

Interdisciplinaridade: **História + Arte + Educação Física.**

Atividades desenvolvidas:

- **Observação do acervo museológico (instrumentos, roupas, fotos).**
- **Interação com mestres da cultura popular.**
- **Registro em diário de bordo sobre a experiência da visita.**

AULA 7 – Organização da Mostra Cultural

Objetivo: **Sistematizar os aprendizados e preparar a culminância.**

Conteúdos: **Apresentação oral, expressão artística e corporal.**

Sugestão de uso: **Preparação coletiva da apresentação.**

Interdisciplinaridade: **Todas as disciplinas envolvidas.**

Atividades desenvolvidas:

- **Ensaio de cenas inspiradas no livro.**
- **Revisão de toques e danças com apoio dos mestres.**
- **Organização do mural de desenhos, exposição dos mini-tambores e fotos.**

AULA 8 – Culminância: Roda que ensina

Objetivo: **Socializar o conhecimento adquirido e celebrar a cultura afro-maranhense.**

Conteúdos: **Identidade cultural, pertencimento, oralidade.**

Sugestão de uso: **Apresentação pública.**

Interdisciplinaridade: **História + Arte + Língua Portuguesa + Educação Física.**

Atividades desenvolvidas:

- **Apresentação teatral e musical com os alunos.**
- **Exposição dos trabalhos produzidos.**
- **Quiz cultural sobre o Tambor de Crioula.**
- **Encerramento com roda simbólica e depoimentos dos estudantes.**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do projeto “Rodas que Contam Histórias” evidenciou o potencial da educação patrimonial como prática pedagógica significativa no ensino de História. Ao articular o Tambor de Crioula com experiências escolares concretas, foi possível proporcionar aos estudantes não apenas o acesso a conhecimentos históricos e culturais, mas também o reconhecimento de si mesmos como sujeitos históricos pertencentes a uma coletividade rica em ancestralidade, resistência e diversidade.

Ao vivenciar as atividades propostas, leitura literária, oficinas criativas, visita a museu, rodas de conversa e culminância cultural, os alunos foram mobilizados a compreender o patrimônio imaterial como algo dinâmico, construído socialmente e presente no cotidiano de suas comunidades. O Tambor de Crioula, nesse sentido, deixou de ser apenas conteúdo a ser assimilado para se tornar linguagem, memória e identidade viva pulsando na sala de aula.

O projeto também reafirmou que o ensino de História, quando comprometido com a valorização das culturas afro-brasileiras, contribui para o enfrentamento do racismo estrutural, fortalece a autoestima dos estudantes negros e amplia os sentidos de pertencimento e cidadania. A escola, como espaço de formação humana, deve garantir a inserção crítica das culturas populares no currículo, promovendo uma educação que dialogue com o território, celebre a diversidade e incentive novas gerações a respeitar, preservar e fazer pulsar a história que também é sua.